

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS  
ASSOCIAÇÃO AMPLA UCS/UNIRITTER**

**ANDRÉIA INÊS HANEL CEREZOLI**

**A ALTERIDADE NA RELAÇÃO LOCUTOR-ENUNCIADORES:  
POTENCIALIDADES DA TEORIA DA POLIFONIA PARA A QUALIFICAÇÃO DO  
DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DE COMPREENSÃO LEITORA**

**CAXIAS DO SUL-RS  
2019**

**ANDRÉIA INÊS HANEL CEREZOLI**

**A ALTERIDADE NA RELAÇÃO LOCUTOR-ENUNCIADORES:  
POTENCIALIDADES DA TEORIA DA POLIFONIA PARA A QUALIFICAÇÃO DO  
DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DE COMPREENSÃO LEITORA**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maris de Azevedo

**CAXIAS DO SUL-RS  
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C414a Cerezoli, Andréia Inês Hanel

A alteridade na relação locutor-enunciadores:  
potencialidades da teoria da polifonia para a qualificação  
do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora /  
Andréia Inês Hanel Cerezoli. – 2019.

85 f. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul em  
associação ampla UniRitter, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, 2019. Orientação: Tânia Maris de Azevedo.

1. Leitura. 2. Leitura - Estudo e ensino. 3. Compreensão  
na leitura. I. Azevedo, Tânia Maris de, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 028

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Michele Fernanda Silveira da Silveira - CRB 10/2334

**ANDRÉIA INÊS HANEL CEREZOLI**

**A ALTERIDADE NA RELAÇÃO LOCUTOR-ENUNCIADORES:  
POTENCIALIDADES DA TEORIA DA POLIFONIA PARA A QUALIFICAÇÃO DO  
DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DE COMPREENSÃO LEITORA**

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo colegiado do Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutora em Letras. Área de Concentração: Leitura e Linguagens. Linha de Pesquisa: Leitura e Processos de Linguagem.

Caxias do Sul, 17 de abril de 2020.

**Banca Examinadora**

---

Dra. Carina Maria Melchiors Niederauer  
Universidade de Caxias do Sul

---

Dra. Carmem Luci da Costa Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Universidade de Passo Fundo

---

Dr. Felipe Maciel Xavier Diniz  
Centro Universitário Ritter dos Reis

---

Dra. Jaqueline Stefani  
Universidade de Caxias do Sul

Aos momentos difíceis...

## RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é investigar como a Teoria da Polifonia, de Oswald Ducrot, contribui para o processo de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor entender o sentido de um discurso como um jogo de alteridade locutor-enunciadores. A pesquisa está fundamentada na Semântica Argumentativa, com enfoque na versão da Teoria da Polifonia, de Oswald Ducrot, alicerçada no princípio filosófico de alteridade platônica e segue a metodologia proposta pelos semanticistas, que consiste na simulação do fenômeno a ser explicado. Concebo *leitura* como um processo em que diferentes habilidades são mobilizadas para re(constituir) o sentido do discurso. Delimito, então, minha pesquisa à habilidade de compreensão leitora *analítica*, conforme níveis estabelecidos por Azevedo (2016), porque nesse nível o leitor “decompõe” a totalidade semântica do discurso em partes para examiná-las e, assim, verificar as relações estabelecidas entre elas. Em síntese, a compreensão leitora analítica evidencia as relações inter e intralinguísticas, mesmo que não explicitadas. Os resultados mostram que dentre os enunciados do discurso não há apenas uma relação de interdependência, mas há também uma relação de alteridade em que o sentido de cada enunciado constitui e é constituído por todos os outros enunciados do discurso, dada a posição assumida pelo locutor frente a cada enunciador. Concluo mostrando como a alteridade – constitutiva do sentido de cada enunciado e do discurso como um todo – contribui de forma significativa para a descrição e explicação de sentidos no discurso, que antes ficavam no plano da dedução ou da inferência. A partir dessas constatações, parece ser possível vislumbrar uma contribuição para o desenvolvimento da compreensão leitora, uma vez que o leitor, ao reconhecer o jogo polifônico entre os pontos de vista postos e pressupostos, bem como a atitude do locutor frente cada enunciador, qualifica sua competência de leitura. Acredito que outras pesquisas voltadas à transformação didática deste estudo poderão nortear investigações futuras.

**Palavras-chave:** Leitura. Compreensão leitora. Descrição semântico-argumentativa do discurso. Teoria da Polifonia. Alteridade platônica.

## RESUME

L'objectif principal de cette recherche est d'investiguer comment la théorie de la polyphonie d'Oswald Ducrot contribue au processus de qualification du développement des compétences en compréhension en lecture, permettant au lecteur de comprendre le sens d'un discours comme un jeu d'altérité locuteurs-énonciateurs. La recherche s'appuie sur la Sémantique Argumentative, se concentrant sur la version d'Oswald Ducrot de la théorie de la polyphonie, basée sur le principe philosophique de l'altérité platonicienne et utilise la méthodologie proposée par les sémantistes qui consiste à simuler le phénomène à expliquer. Je conçois la *lecture* comme un processus dans lequel différentes compétences sont mobilisées pour (re) constituer le sens du discours. Alors, je délimite ma recherche à la capacité de compréhension *analytique* de la lecture, selon les niveaux établis par Azevedo (2016), car à ce niveau le lecteur 'décompose' la totalité sémantique du discours en parties pour les examiner et, ainsi, vérifier les relations établies entre elles. En résumé, la compréhension *analytique* de la lecture met en évidence les relations inter et intralinguistiques, même si elles ne sont pas explicitées. Les résultats montrent que parmi les énoncés du discours, il y a non seulement une relation d'interdépendance, mais aussi une relation d'altérité dans laquelle le sens de chaque énoncé constitue et est constitué par tous les autres énoncés du discours, compte tenu de la position prise par le locuteur face à chaque énonciateur. Je conclus en montrant comment l'altérité - constitutive du sens de chaque énoncé et du discours dans son ensemble - contribue de manière significative à la description et à l'explication des significations du discours qui étaient auparavant sur le plan de la déduction ou de l'inférence. A partir de ces constats, il me semble possible d'envisager une contribution au développement de la compréhension en lecture, puisque le lecteur, en reconnaissant le jeu polyphonique entre les points de vue et les hypothèses, ainsi que l'attitude du locuteur envers chaque locuteur, qualifie son compétence en lecture. Je crois que d'autres recherches visant à la transformation didactique de cette étude peuvent guider les futures investigations.

**Mots-clés:** Lecture. Compréhension en Lecture. Description sémantique-argumentative du discours. Théorie de la Polyphonie. Altérité Platonicienne.

## QUADROS

Quadro 1 –	Concepções fundamentais de <i>semântica</i> .....	13
Quadro 2 –	Conjunto de oposições externas.....	23
Quadro 3 –	Correlação Saussure-Ducrot.....	28
Quadro 4 –	O lugar da enunciação.....	33
Quadro 5 –	Conjunto de oposições internas.....	44
Quadro 6 –	Síntese das propriedades do enunciado.....	60
Quadro 7 –	Síntese da caracterização ducrotiana do discurso.....	61
Quadro 8 –	Níveis do ato de constituição do sentido.....	67
Quadro 9 –	Síntese das hipóteses internas e externas do Modelo teórico- metodológico para a descrição semântico-argumentativa do discurso....	70

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: RUPTURAS E APROXIMAÇÕES.....</b>	<b>10</b>
2.1	SEMÂNTICA: SINGULARIDADE E DIVERSIDADE.....	11
2.2	SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: ORIGINALIDADE E DISTANCIAMENTOS.....	14
2.3	SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: ESTRUTURALISMO E SAUSSURIANISMO.....	24
<b>2.3.1</b>	<b>Valor: diferença e oposição.....</b>	<b>29</b>
<b>3</b>	<b>TEORIA DA POLIFONIA: VOZES E SENTIDO.....</b>	<b>36</b>
3.1	SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: VERSÕES E REVISÕES.....	36
3.2	CONCEPÇÃO POLIFÔNICA DO <i>SENTIDO</i> : PRECISÃO E ALARGAMENTOS.....	46
3.3	MÉTODO: SIMULAÇÃO E DEDUÇÃO.....	54
<b>4</b>	<b>COMPREENSÃO LEITORA: PROCESSO DE ANÁLISE E SÍNTESE</b>	<b>56</b>
4.1	DESCRIÇÃO SEMÂNTICA: DO ENUNCIADO AO DISCURSO.....	56
<b>4.1.1</b>	<b>Leitura: olhar enunciativo-argumentativo.....</b>	<b>65</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Compreensão leitora analítica: vozes que se inter-relacionam.....</b>	<b>68</b>
<b>5</b>	<b>COMPREENSÃO LEITORA: JOGO POLIFÔNICO.....</b>	<b>72</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O grande pano de fundo desta pesquisa consiste em trazer à apreciação da comunidade científica uma contribuição ao desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, concentrada na *língua*, isto é, desde uma perspectiva que mostra alguns dos limites impostos pela *língua* à (re)constituição do sentido pelo leitor-alocutário.

Uma parte das inquietações que motivaram esta investigação pode ser sintetizada nas seguintes questões: A Linguística pode ser útil para a análise de discursos? A análise de discursos pode ser útil à Linguística? Essas são duas questões apresentadas por Oswald Ducrot, no primeiro capítulo da obra francesa *Les mots du discours* (1980), que se configuram como pilares desta pesquisa. É certo que a Linguística, como ciência, apresenta muitas potencialidades teóricas, mas nem sempre esclarece como tais potencialidades contribuem de forma efetiva para que o *usuário da língua*, isto é, aquele que atualiza o sistema linguístico para conferir sentido às suas interações verbais, possa dar conta das demandas discursivas que a sociedade lhe exige (AZEVEDO, 2006).

Outro aspecto das inquietudes que deram origem a este estudo surge da minha prática docente. Como atuei em vários níveis de ensino, deparei-me com muitas situações/reflexões que me incomodavam, das quais registro apenas algumas: Após a alfabetização do aluno, qual seria o enfoque das aulas de língua materna? Como trabalhar com a língua sem cair nas armadilhas da gramática normativa como único objeto de ensino? Como explicar uma inferência para a compreensão de um discurso? Enfim, foram tantas as questões enfrentadas que me vi inclinada a pesquisar uma pequena dimensão do universo que envolve a *leitura*.

Uma terceira face das inquietudes que me afligiam reflete um pouco da minha caminhada como pesquisadora. Apresentada à Semântica Argumentativa (SA) desde a graduação, pela iniciação científica, senti a necessidade de me aprofundar nessa perspectiva teórica, que se concentra em explicar as potencialidades intra e interdiscursos pela *língua*, a qual julgo ser capaz de responder a muitas das perguntas que me fiz ao longo da minha trajetória como docente e como pesquisadora.

Diante desse universo, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como a Teoria da Polifonia, de Oswald Ducrot, contribui para o processo de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor entender o sentido de um discurso como um jogo de alteridade locutor-enunciadores.

Antes de prosseguir, creio adequado tecer algumas considerações iniciais para um maior entendimento das nuances deste estudo. Inicialmente, esclareço que se trata de uma

investigação de natureza teórica e metodológica. Logo, as análises trazidas configuram-se como exemplificação dos conceitos e princípios desenvolvidos por mim enquanto pesquisadora semanticista.

Quanto à fundamentação teórica, parece-me importante justificar a presença de Platão e Saussure neste estudo. Ducrot, principal referencial teórico desta pesquisa, assume o conceito de *valor* saussuriano como fundamento da Semântica Argumentativa e propõe uma aproximação entre os conceitos de *valor* saussuriano e *alteridade* platônica. Logo, compreender a Semântica Argumentativa toma como pressuposto entender tais conceitos.

Ainda em relação à natureza teórica deste trabalho, esclareço meu interesse em realizar uma pesquisa semântica, sobre a qual, aliás, Bréal (1992, p. 182) até dramatiza um pouco ao afirmar que “[...] as observações das quais se ocupa o semanticista se ocultam um pouco mais ao olhar.”, contribuindo para qualificar ainda mais o ensino da compreensão leitora e tornar o usuário da língua proficiente.

Feitas as devidas considerações, a presente pesquisa está orientada pela seguinte questão: *Buscando descrever e explicar a (re)constituição do sentido pelo leitor-alocutário, na leitura de discursos escritos, de que forma(s) a alteridade constitutiva – atualizada pelo locutor no discurso, por meio da relação que mantém com os enunciadores por ele mobilizados (concepção polifônica do sentido) – contribui para a qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora?*

A relevância social desta pesquisa, ao abordar o fenômeno da leitura, mais especificamente a compreensão leitora analítica, encontra-se na descrição das relações interenunciados e intradiscursivas e na explicação do jogo polifônico que constitui o sentido do discurso, possibilitando a formação de leitores proficientes diante das demandas que a sociedade apresenta no cotidiano, o que é de grande importância social, visto que o ensino de leitura no Brasil – considerando-se os resultados em avaliações de desempenho, como o Exame Nacional do Ensino Médio – precisa ser mais qualificado.

O mérito científico da pesquisa reside no fato de ampliar o leque de análises fundamentadas na Semântica Argumentativa, considerando a alteridade constitutiva, via Teoria da Polifonia, cuja transformação didática (AZEVEDO, 2016) pode se tornar uma “ferramenta” profícua para o desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, por permitir ao leitor-alocutário compreender o jogo polifônico que constitui o sentido.

Um dos recursos metodológicos desta pesquisa consiste no que Ducrot (1987) propõe como método da simulação, que prevê a elaboração de hipóteses externas e internas. Nesse contexto, *hipóteses externas* (relativas à fase empírica de observação e que, uma vez tomadas,

não podem mais ser rediscutidas) referem-se às teorias que fundamentam o estudo, isto é, aqui, o conceito de *alteridade*, de Platão, e a Semântica Argumentativa, mais especificamente a *Teoria da Polifonia*; enquanto *hipóteses internas* dizem respeito às formalizações que constituem a Teoria criada para descrever e explicar um fenômeno. Nesse sentido, apresento como *hipótese interna* central nesta pesquisa – amparada pelo fato de a língua não permitir a (re)constituição de qualquer sentido, embora permita mais de um sentido para um discurso – a suposição de que *a alteridade, via Teoria da Polifonia, contribui significativamente para a restrição dos sentidos possíveis para determinado discurso*, porque explicita quais pontos de vista, por exemplo, são rejeitados pelo locutor, apontando a orientação argumentativa do discurso.

Para responder à questão norteadora da pesquisa, o presente estudo está organizado em quatro capítulos orquestrados pelo conceito de *alteridade*. Os objetivos específicos estabelecidos são explicitados quando sintetizo o conteúdo de cada capítulo.

No capítulo 2, “Semântica Argumentativa: rupturas e aproximações”, lanço um olhar para fora da Teoria, apresentando-a não por sua evolução cronológica e suas versões, mas pelas diferenças que mantém com outras concepções epistemológicas, linguísticas e semânticas, que permitem caracterizar a Semântica Argumentativa como teoria estruturalista fundamentada na noção saussuriana de *valor*. Estabeleço, então, para esse capítulo, os seguintes objetivos específicos: (1) explicitar a filiação deste trabalho à Semântica Argumentativa; (2) diferenciar as acepções do termo *semântica*; (3) situar a Semântica Argumentativa como teoria estruturalista; (4) reafirmar as aproximações entre os conceitos de *alteridade*, em Platão, e *valor*, em Saussure; (5) apresentar as principais concepções assumidas pela Teoria da Argumentação na Língua; (6) correlacionar conceitos saussurianos com os conceitos ducrotianos; e (7) situar a enunciação nos estudos semântico-argumentativos.

No capítulo 3, “Teoria da polifonia: vozes e sentido”, ajusto o foco para o interior dessa Teoria, expondo as diferenças que singularizam cada versão, além de trazer argumentos que justifiquem a Teoria da Polifonia como um dos fundamentos desta investigação. São objetivos específicos desse capítulo: (1) explicitar e justificar o recorte teórico realizado neste estudo; (2) mostrar as oposições internas nas diferentes versões da TAL; (3) caracterizar a concepção polifônica do sentido; e (4) exemplificar fenômenos linguístico-polifônicos, como pressuposição e negação.

Já no capítulo 4, “Compreensão leitora: processo de análise e síntese”, busco lançar um olhar para além da Teoria da Polifonia, mostrando como o sentido é constituído no discurso pelo *locutor* e reconstituído pelo *alocutário* ou, mais especificamente, pelo que chamo *leitor-*

*alocutário*. Os objetivos específicos desse capítulo são: (1) identificar as propriedades do enunciado; (2) caracterizar o discurso; (3) forjar o discurso como um sistema-ambiente; (4) aproximar a Semântica Argumentativa da compreensão leitora; (5) instaurar a figura discursiva *leitor-alocutário*; (6) apresentar um olhar enunciativo-argumentativo do fenômeno da leitura; e (7) eleger a compreensão leitora como recorte metodológico deste trabalho.

E por fim, no capítulo 5, “Compreensão leitora: jogo polifônico”, trago a descrição e explicação de fatos polifônicos que contribuem para o processo de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor entender o sentido de um discurso escrito como um jogo de alteridade *locutor-enunciadores*. São objetivos específicos desse capítulo: (1) descrever os enunciados dos discursos-exemplos; (2) apresentar os enunciadores de cada enunciado; (3) identificar a posição assumida pelo locutor em cada enunciado e nos discurso-exemplos como um todo; (4) mostrar que os pontos de vista rejeitados pelo locutor não podem ser mobilizados pelo leitor-alocutário na (re)constituição do sentido.

## 2 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: RUPTURAS E APROXIMAÇÕES

*Não nos vemos se nós não saímos de nós.*

**José Saramago**

Toda pesquisa científica, necessariamente, elege um aporte teórico. Minha escolha contempla a Semântica Argumentativa (SA) – também denominada Teoria da Argumentação na Língua (TAL), criada por Oswald Ducrot e colaboradores na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na década de 1960<sup>1</sup>, e ainda desenvolvida até os dias atuais, na busca de maior coerência com os postulados saussurianos – porque me sinto fascinada pelas possibilidades de descrever o sentido do discurso (considerando não apenas as atualizações feitas pelo locutor do discurso) e de explicar como uma determinada posição do locutor orienta a direção argumentativa do discurso, tendo em conta essencialmente as relações intra e interdiscursivas. Ducrot (1982, p. 36) considera que

[...] continua a ser comum a todos os saussurianos a ideia de que a unidade linguística, pelo seu aspecto fônico e pelo seu aspecto semântico, remete sempre para todas as outras, e que não é possível entender nem compreender um signo sem entrar no jogo global da língua.

A opção pela Semântica Argumentativa pode ser sintetizada pela possibilidade de estudar a língua na e pela *língua*, acompanhando, assim, o pensamento de Ducrot (2012, p. 17), ou seja, “Sou um pouco como Saussure: estudar a língua somente em si mesma e por ela mesma e encontrar várias coisas no interior dos estudos da língua.”

Como já mencionado na Introdução, exponho a TAL não pela sua evolução cronológica, detendo-me às suas versões, mas pelas diferenças com outras concepções epistemológicas, linguísticas e semânticas, pois, como afirma Marques (2006, p. 203), “Sem a diferença, não há identidade.”; decisão metodológica que permite ao leitor a familiarização com conceito de *alteridade*, central nesta tese.

Almejando coerência com as orientações de Ducrot (2018, p.17) – segundo as quais, também no desenvolvimento da pesquisa linguística, “A primeira exigência à qual o linguista deve submeter-se é a de procurar definir os temas que ele utiliza.” –, busco neste capítulo (1) diferenciar as acepções do termo *semântica*; (2) situar, por oposição a outras perspectivas

---

<sup>1</sup> Barbisan (2012) afirma que a Teoria da Argumentação na Língua tem um longo desenvolvimento, sendo difícil apontar com exatidão a data de seu início. Sugere que os princípios da Teoria surgem ainda na década de 1960, quando Ducrot adota o conceito de *valor* inspirado em Saussure.

semânticas, a Semântica Argumentativa como teoria estruturalista; e (3) reafirmar as aproximações ducrotianas entre os conceitos de *alteridade*, pelo viés platônico, e de *valor*, pelo *saussuriano*.

## 2.1 SEMÂNTICA: SINGULARIDADE E DIVERSIDADE

Minha decisão em trazer as acepções que o termo *semântica* assume em diferentes perspectivas teóricas é motivada pelas indicações de Tordesillas (1994) no prólogo da versão em espanhol da obra *La Argumentación en la lengua* que – em uma nota de rodapé, fazendo referência à obra *A semântica francesa no século XX: da teoria da referência à teoria dos estereótipos*, de J. Cl. Anscombe – indica o registro do termo ainda no século XVI, mas que só adquire certa relevância em 1883, com Michel Bréal, segundo o qual, o termo *semântica* apresentou diferentes características e nuances até conquistar o caráter científico de que desfruta hoje, ainda assim com divergências entre as teorias que o adotam.

Não almejo fazer uma retrospectiva histórica, até porque isso já foi feito por Anscombe, mas reafirmar a necessidade de uma criteriosa apresentação dos conceitos assumidos nesta pesquisa, como *semântica*, *estruturalismo*, *sentido*, *alteridade* etc., ao me propor a investigar *como a Teoria da Polifonia*<sup>2</sup>, de Oswald Ducrot, contribui para o processo de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor entender o sentido de um discurso escrito como um jogo de alteridade locutor-enunciadores. Início pelo detalhamento do termo *semântica*.

A primeira distinção que destaco neste tópico, para que se entenda o grande campo de abrangência do termo, é a de Edward Lopes (1978), o qual afirma que *semântica* designa frequentemente não só a ciência das significações das línguas naturais, mas também marca a diferença entre dois pontos de vista: (1) uma semântica linguística, voltada ao estudo da forma, do plano de conteúdo das línguas naturais; e (2) uma semântica semiótica, que estuda a significação dos sistemas sígnicos secundários.

Assumindo a primeira distinção, restrinjo minha pesquisa ao campo da semântica linguística, pois, como alerta Rodolfo Ilari no prefácio da obra *Semântica, semânticas: uma introdução* (2003), o que singulariza as teorias que se autodenominam semânticas não é o

---

<sup>2</sup> Denominação utilizada para essa versão da teoria nos trabalhos mais recentes de Ducrot, como, por exemplo, em *Os riscos do discurso: Encontros com Oswald Ducrot* (2018).

objeto, já que todas buscam esclarecer o sentido<sup>3</sup> da língua natural, mas os pressupostos<sup>4</sup> que assumem e o método<sup>5</sup> que elegem para alcançar seus objetivos.

Percepção essa compartilhada por Abbagnano (2012) ao argumentar que, no horizonte dos estudos contemporâneos sobre a linguagem, *semântica* não indica uma teoria ou uma disciplina unitária, mas, sim, uma diversidade de abordagens e programas de pesquisa nem sempre aproximáveis ou conciliáveis. Tal realidade, para esse autor, deriva das múltiplas disciplinas que, neste século, voltaram-se, direta ou indiretamente, para os fenômenos da significação e do significado.

Compartilho dessas ideias e as adoto como justificativa para a sequência deste tópico, que expõe os pressupostos assumidos e rejeitados pela Semântica Argumentativa. Cabe lembrar que Oswald Ducrot (2018) é um linguista conhecedor de outras ciências, pois, como revela em entrevista a Amir Biglari, seu percurso científico inicia-se estudando e ensinando filosofia, passa pela matemática lógica até chegar à linguística gerativa para, mais tarde, abandonar o gerativismo e dedicar-se à linguística saussuriana. Assim, é possível perceber “resíduos” tanto da filosofia como da lógica na criação e no desenvolvimento da TAL, não só por aproximações, mas também por distanciamentos que justificam a investigação filosófica das acepções de *semântica*.

Para tratar das acepções do termo *semântica*, consulto o *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano (2012, p. 1029-1031), para quem o termo *semântica* é utilizado em diferentes campos de estudo, o que potencializa a complexidade de definição do termo. Na Lógica e na Filosofia, por exemplo, a acepção de *semântica* mais difundida refere-se à “[...] parte da Linguística (e mais especialmente da Lógica) que estuda e analisa a função significativa dos signos, os nexos entre os signos linguísticos (palavras, frases etc.) e seus significados”. Outras áreas também são citadas, mas devido ao propósito deste trabalho, voltei-me às acepções mais diretamente relacionadas ao campo linguístico, reunidas em três grandes eixos, correspondendo a três concepções fundamentais de *semântica* distintas entre si: (a) a *semântica vericondicional*; (b) a *semântica estrutural*; e (c) a *semântica cognitiva*.

<sup>3</sup> O *Dicionário de linguística da enunciação*, de Flores et al. (2009, p. 206-208), por exemplo, registra quatro definições diferentes para o conceito de *sentido*, a saber, (1) Sentido (Benveniste): “capacidade de uma unidade linguística integrar uma unidade de nível superior”; (2) Sentido (Ducrot): “valor semântico do enunciado”; (3) Sentido implícito (Ducrot): “subentendido”; (4) Sentido literal (Ducrot): “elemento semântico mínimo contido no sentido de todos os enunciados de uma mesma frase”.

<sup>4</sup> Denominados por Ducrot (1980) *hipóteses externas*. As teorias anteriores que fundamentam a “nova” orientação teórica.

<sup>5</sup> Designado por Ducrot (1980) como o conjunto das *hipóteses internas*. As noções e métodos da “nova” teoria.

Elaborei o Quadro 1 para sintetizar e opor os princípios das três concepções apresentadas por Abbagnano (2012).

Quadro 1 – Síntese das concepções fundamentais de *semântica* (S)

	<b>Vericondicional</b>	<b>Estrutural</b>	<b>Cognitiva</b>
<b>Filiação</b>	Elaborada pela filosofia analítica da linguagem.	Nasceu, tanto quanto o estruturalismo linguístico, com o <i>Cours de linguistique générale</i> , publicado originalmente em 1916.	Refere um vasto conjunto de teorias formuladas a partir dos anos 1970, sobretudo nos Estados Unidos, por linguistas, estudiosos da inteligência artificial e psicólogos cognitivos que compartilham uma atitude crítica em relação à semântica vericondicional e, em certos casos, à semântica estrutural.
<b>Significado</b>	É constituído pelas <i>contribuições para as condições de verdade</i> da proposição.	Fundamenta-se em conceitos e distinções introduzidos por Saussure: a) a ideia de que a S tem por objeto o <i>sistema formal abstrato</i> constituído pelas relações entre os significados dos signos; b) a ideia de que o significado de uma expressão lexical é um <i>valor diferencial</i> dado pela posição que aquele significado ocupa no sistema em que está inserido e é definível <i>negativamente</i> em relação a tal sistema.	Apresenta-se como uma teoria da compreensão linguística: a tarefa que se impõe é representar o que ocorre na mente dos falantes quando entendem uma palavra ou um enunciado.
<b>Sujeito</b>	<i>Antipsicologista</i> : o significado é uma entidade objetiva abstrata que nada tem a ver com entidades psicológicas individuais (conceitos, ideias, sensações etc.) nem com processos que ocorrem na mente do falante quando produz ou compreende um enunciado.	<i>Antipsicologista</i> : não tem relação com conceitos, ideias ou pensamentos, mas com valores diferenciais emanados do sistema, portanto, sem qualquer vínculo com o usuário da língua.	<i>Realismo psicológico</i> : a ideia de que a plausibilidade cognitiva constitui um dos testes de adequação relevantes para a teoria semântica.
<b>Concepção</b>	<i>Referencial</i> : toma em consideração a relação entre os enunciados e os estados do mundo extralinguístico.	<i>Antirreferencial</i> : sistema dos significados é autônomo, quer dizer, sobretudo, há autonomia do sistema em relação ao mundo percebido e à realidade extralinguística.	<i>Não autonomia</i> da S, ou seja, a impossibilidade de isolar o estudo do significado de uma língua do estudo de todas as outras capacidades cognitivas humanas (raciocínio, percepção etc.).

Nível análise	<i>Do enunciado</i> , não da palavra: apenas os enunciados (as proposições) podem ser verdadeiros ou falsos.	<i>Lexical</i> : não cuida do significado dos enunciados, mas do significado de cada item lexical.	<i>Lexical</i> e suas contrapartes conceituais.
------------------	--	--	---

Fonte: Elaborado por mim, a partir de Abbagnano (2012, p. 1029-1031).

Ao opor as concepções fundamentais de *semântica*, a partir de Abbagnano (2012), no Quadro 1, pretendi mostrar que a singularidade das teorias que se inscrevem no campo semântico consiste na identificação de cinco aspectos: (1) filiação teórica; (2) concepção de *significação*; (3) papel do sujeito real na produção da *significação*; (4) consideração do extralinguístico para a explicação da *significação*; e (5) delimitação do nível de análise tomado como objeto. Não posso deixar de mencionar um ponto que, na minha leitura, é um equívoco na descrição de Abbagnano (2012): o de que a semântica estrutural é apenas uma semântica lexical. Isso porque, para Saussure (2004, p. 24, grifos do autor, inserção minha), as “identidades, nesse domínio [linguagem], são *dadas*, antes de tudo, necessariamente, pelas do precedente; mas, depois disso, elas se tornam *a segunda ordem de identidades* linguísticas, irreduzível à precedente”. Informação essa que justifica considerar como identidades nesse domínio: fonemas, palavras, enunciados<sup>6</sup>.

Reforçando o meu argumento, Saussure no *Curso de linguística geral* (CLG) reconhece a dificuldade de captar diretamente as entidades concretas ou unidades da língua e afirma que “trabalharemos sobre as palavras. Estas, sem recobrir exatamente a definição da unidade lingüística, dão dela uma idéia pelo menos aproximada, que tem a vantagem de ser concreta; [...] e os princípios obtidos a propósito das palavras serão válidos para as entidades em geral.” (SAUSSURE, (2006, p. 132). Ainda no *Curso de linguística geral*, Saussure (2006) estabelece que no discurso as combinações de termos apoiam-se na extensão e serão chamadas de *sintagma*. São exemplos saussurianos *sintagmas* com extensões bem diversas: *reler, contra todos, a vida humana* etc.

Até aqui, espero ter mostrado ao leitor a complexidade científica em que este trabalho se insere, isto é, a rigorosa determinação dos conceitos que abordarei para indicar o ponto de vista que define o meu objeto de estudo: a investigação de processos de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor entender o sentido de um discurso como um jogo de alteridade locutor-enunciadores. Ao trabalho!

<sup>6</sup> Para Ducrot (1984), *enunciado* é o que foi efetivamente pronunciado ou escrito; é a realização da *frase*, a qual consiste no material linguístico de que o locutor se serve para a produção do enunciado.

## 2.2 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: ORIGINALIDADE E DISTANCIAMENTOS

Diante da diversidade de acepções que o termo *semântica* apresenta, reitero o que assumo neste trabalho (1) como fundamento teórico, a Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot e colaboradores; e (2) como percurso metodológico, o jogo de hipóteses internas e externas da SA, o que justifica a epígrafe que escolhi para este capítulo: “Não nos vemos se nós não saímos de nós”.

A singularidade da Teoria da Argumentação na Língua (TAL) reside não só nas posições que assume, mas também, e principalmente, nas oposições a outras concepções semântico-linguísticas, evidenciando, como indicam Fiorin, Flores e Barbisan (2017, p. 8, grifo meu), que: “[...] mesmo os discursos fundadores constituem-se, como todo e qualquer discurso, em **oposição** a outros.”. Oposição esta que é assim explicada por Platão (2007, p. 226-227, grifo do autor): “[...] quando nos disserem que o negativo significa oposto, discordaremos. Somente admitiremos que a partícula *não* indica algo *diferente* das palavras às quais serve seu prefixo, ou melhor, diferente das coisas às quais os nomes que se seguem à negação são aplicados.”. A ideia de *oposição* assumida neste trabalho, então, não se concentra no afastamento, mas nas relações, aqui entre teorias, que permitem caracterizar a Semântica Argumentativa.

Uma longa e atenta pesquisa às obras ducrotianas permite identificar não apenas os princípios da Semântica Argumentativa, mas também as concepções às quais seus fundadores se opõem. Oswald Ducrot, ao longo das obras consultadas, declara que a TAL opõe-se radicalmente<sup>7</sup>: (1) à concepção geral de atividade científica; (2) à concepção tradicional de *sentido*; (3) à concepção tradicional de *argumentação*; (4) à concepção veritativa da *significação*; (5) à concepção formal da língua; (6) à semântica lógica; (7) ao referencialismo e cognitivismo; (8) à *unicidade do sujeito falante*; (9) à noção de *sentido literal*; e (10) à semântica paradigmática. Explico agora, considerando os princípios apresentados no Quadro 1, cada uma das concepções rejeitadas e trago aquelas assumidas por Ducrot ao longo da elaboração de sua Semântica Argumentativa.

A primeira consideração, “Oposição à concepção geral de atividade científica”, não decorre propriamente de aproximação a / distanciamento de uma concepção *semântica*, mas

---

<sup>7</sup> O termo *radicalização* é utilizado por Ducrot (2006) quando explica a vinculação da Semântica Argumentativa aos pressupostos de Saussure, expondo que a Teoria dos Blocos Semânticos consiste em um aprofundamento e uma radicalização da TAL, radicalização que aumenta a coerência desta com os princípios saussurianos. Logo, entendo que o termo *radicalmente* é utilizado por Ducrot, não na acepção de *oposição total* ou *inflexível*, mas buscando sempre maior aproximação com os postulados saussurianos.

de uma oposição ao fazer científico de outras áreas do conhecimento, por exemplo, às ciências naturais. Assim, a concepção geral da atividade científica é exposta e explicitada na obra *Les Mots du discours* (DUCROT, 1980) e em outras de Ducrot<sup>8</sup>. De acordo com essa concepção, as hipóteses externas que comandam a observação dos fenômenos devem ter justificativas independentes das hipóteses internas que tentam explicar determinado fenômeno, isto é, “[...] as escolhas que me levam a observar o que observo devem poder ser motivadas sem intervir nas escolhas por meio das quais explico o que observei.” (DUCROT, 1980, p. 23, tradução Tânia Maris de Azevedo)<sup>9</sup>. Ducrot (1980) declara que a Semântica Linguística, outra denominação para sua Teoria, é incapaz de seguir essa regra, porque, para o linguista semanticista,

Não somente os fatos são construções hipotéticas [...], mas acontece que as hipóteses externas, essas que controlam a observação dos fatos, são determinadas pelas hipóteses internas destinadas a explicar esses fatos. E é precisamente este estado de coisas que confere seu caráter particular às relações entre a análise de textos (lugar onde o linguista escolhe suas hipóteses externas) e a descrição das frases (lugar onde ele constrói suas hipóteses internas). (DUCROT, 1980, p. 23, tradução de Tânia Maris de Azevedo)<sup>10</sup>

As *hipóteses externas* são, pois, as concepções prévias, a fundamentação teórica que torna possível o estabelecimento dos fenômenos, porque, de acordo com Saussure (2006, p. 15), “[...] é o ponto de vista que cria o objeto [...]”, assim, diferentemente das outras ciências, o objeto sob o qual se debruça o linguista não está dado previamente, e é “[...] o ponto de vista que permite situar uma *identidade*, seja ela de sons, de formas, ou de qualquer outra característica.” (DEPECKER, 2012, p. 70). Ducrot (1982, p. 33) esclarece que, para os saussurianos,

[...] o conhecimento dos elementos linguísticos não é um dado e que não se poderia ler diretamente na experiência quais os elementos postos em jogo na língua. A razão disso é, para Saussure, que as operações necessárias à determinação de uma unidade pressupõem que esta unidade se relacione com as outras e se reintegre no interior de uma organização de conjunto. E é isso que os saussurianos pretendem quando falam de sistema ou de estrutura da língua: os elementos linguísticos não têm qualquer realidade independentemente da sua relação com o todo.

<sup>8</sup> Como por exemplo, em *O dizer e o dito* (1987).

<sup>9</sup> Tradução de: “[...] les choix m'amenant à observer ce que j'observe doivent pouvoir être motivés sans faire intervenir les choix au moyen desquels j'explique ce que j'ai observé.”

<sup>10</sup> Tradução de: “Non seulement les faits sont des constructions hypothétiques [...], mais il arrive que les hypothèses externes, celles qui commandent l'observation des faits, soient déterminées par les hypothèses internes destinées à expliquer ces faits. Et c'est précisément cet état de choses qui donne leur caractère particulier aux rapports entre l'analyse de textes (lieu où le linguiste choisit ses hypothèses externes) et la description des phrases (lieu où il construit ses hypothèses internes).”

Já as *hipóteses internas* são os princípios e as regras de dedução que o linguista elabora para simular a produção dos fenômenos observados na natureza. Então, para o linguista semanticista, segundo Ducrot (1980, p. 23), a abordagem é circular, pois o que funda a observação de um fenômeno é justamente a hipótese pela qual o linguista vai compreendê-lo. Um exemplo para ilustrar o “círculo” seria: *Minha casinha!* (hipótese interna) isolada não tem sentido nenhum, seu valor só pode ser determinado em oposição a: *casa pequena, casa, casarão, casebre*, que são possibilidades permitidas pelo sistema (hipótese externa). De modo similar, são as virtualidades do sistema (hipótese externa) que possibilitam determinar a significação de *casinha* em oposição a *lar, abrigo* etc. (hipótese interna). Na explicação ducrotiana,

[...] se a semântica escolhe por *hipótese externa* a idéia de que os enunciados têm um sentido, se ela decide, portanto, conduzir a observação de acordo com esta hipótese, ela é levada necessariamente a desconhecer a originalidade de certos termos [...]. Para fazer justiça a esta originalidade, é preciso, ao contrário, considerar o sentido [significação] do enunciado [frase] como uma construção do semanticista, destinada a fazer compreender os efeitos reais [*sic*] de enunciado em situação. (DUCROT, 1987, p. 56, grifo do autor e inserções minhas)

Neste segundo bloco, trago os conceitos ducrotianos que permitem diferenciar a TAL dos princípios da semântica vericondicional e da semântica cognitiva. Não traço uma linha fixa entre essas duas concepções, pois acredito que um mesmo conceito ducrotiano distingue-se – embora por aspectos diferentes – tanto de uma quanto da outra, conforme Quadro 1.

Na Primeira Conferência do seminário *Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso* proferida em la Universidad del Valle, em Cali, na Colômbia, em 1988 (e publicado em forma de livro em 1990), Ducrot declara que a TAL está destinada a opor-se à concepção tradicional de sentido. Segundo essa concepção, no entendimento ducrotiano, singularizam-se três tipos de indicação no sentido de um enunciado: (1) objetiva; (2) subjetiva; e (3) intersubjetiva; equivalentes, respectivamente, a: (a) uma representação da realidade; (b) a atitude do locutor frente à realidade; e (c) as relações do locutor com as pessoas a quem se dirige. A primeira, frequentemente chamada *denotação*, e as outras duas, *conotação*.

A proposta de Ducrot (1990, p. 50, tradução minha)<sup>11</sup> “[...] é suprimir essa separação entre denotação e conotação [...]”, porque a linguagem ordinária não apresenta uma parte objetiva, os enunciados da língua não dão acesso direto à realidade e nem a descrevem

<sup>11</sup> Tradução minha de "es suprimir esta separación entre denotación y connotación".

diretamente. Na perspectiva ducrotiana, “[...] se a linguagem ordinária a descreve [a realidade], o faz por meio dos aspectos subjetivo e intersubjetivo. A maneira como a linguagem ordinária descreve a realidade consiste em fazer dela o tema de um debate entre os indivíduos.” (DUCROT, 1990, p. 50, tradução e inserção minhas)<sup>12</sup>. A originalidade de Ducrot consiste na unificação dos aspectos subjetivo e intersubjetivo no conceito *valor argumentativo*, isto é, na orientação que determinada palavra exerce no enunciado, possibilitando algumas continuações ao discurso e impedindo outras. Imaginamos a situação em que dois amigos, apreciadores da literatura, encontrando-se em uma livraria e um deles diz:

(1) *Esse livro é inédito.*

A descrição que é dada do livro (inédito), segundo Ducrot, é uma maneira de criar no interlocutor determinado comportamento, possibilitando continuações como: *portanto você ainda não o conhece* ou *portanto gostaria de lê-lo*; e restringindo continuações como: *portanto já o li*.

Ducrot (1990) defende que a descrição semântica de uma palavra num dado enunciado deve ser capaz de indicar a orientação que essa palavra dá ao enunciado, isto é, “[...] o valor argumentativo como o nível fundamental da descrição semântica” (DUCROT, 1990, p. 51, tradução minha)<sup>13</sup>. Muitos pontos poderiam ser destacados aqui, mas chamo a atenção para o fato de que o *valor argumentativo* consiste na observação, descrição e explicação das relações que se estabelecem no nível intralinguístico, não havendo nenhum compromisso com a verdade ou com o sujeito real que pode avaliar o ineditismo da obra.

Na Segunda Conferência do mesmo seminário, Ducrot (1990) esclarece que a TAL opõe-se radicalmente à concepção tradicional de argumentação. Nessa perspectiva, conforme o semanticista, um discurso contém uma argumentação quando são satisfeitas três condições: (1) dois segmentos cuja ordem em que se colocam é indiferente, A (argumento) e C (conclusão); (2) A (argumento) indica um fato F que pode ser verdadeiro ou falso, mas tem seu valor de verdade independentemente de C (conclusão); e (3) a conclusão (C) pode ser obtida a partir do fato (F). Ducrot (1990, p. 75, tradução minha)<sup>14</sup> defende que, segundo essa concepção, “[...] a língua desempenha um papel muito reduzido na argumentação” e expõe a concepção de *argumentação* marcada na língua: “a conclusão não se explica somente a partir

<sup>12</sup> Tradução minha de "si el lenguaje ordinario la describe [la realidad], lo hace por intermedio de los aspectos subjetivo e intersubjetivo. La manera como el lenguaje ordinario describe la realidad consiste en hacer de ella el tema de un debate entre los individuos."

<sup>13</sup> Tradução minha de "el valor argumentativo como el nivel fundamental de la descripción semántica."

<sup>14</sup> Tradução minha de "la lengua desempeña un papel muy reducido en la argumentación."

do fato expresso pelo segmento A, mas através da forma lingüística. Em outras palavras, a argumentação está marcada na língua mesma.” (DUCROT, 1990, p. 80, tradução minha)<sup>15</sup>. Exemplificando em (2) e (3) como a argumentação está marcada na língua, imaginemos um contexto no qual se admita que, para dirigir um carro com segurança, o condutor deva estar descansado, sem sono.

(2) *José dormiu um pouco.*

Esse enunciado permite continuações como: *portanto já pode dirigir, terá uma viagem tranquila*, no entanto não autoriza continuações como: *portanto pode sofrer algum acidente, não deveria viajar*, as quais são permitidas pelo enunciado (3).

(3) *José dormiu pouco*<sup>16</sup>.

Nos dois enunciados, trata-se do mesmo fato, o pouco tempo de descanso de José, porém o sentido constituído pelo locutor (L), ao mobilizar um ou outro, não é o mesmo. Em (2), L argumenta a favor de uma conclusão positiva para dirigir um carro, já em (3) justifica-se uma conclusão totalmente oposta.

Retomando o Quadro 1, as duas oposições ora exibidas permitem dizer que à compreensão ducrotiana não interessa a realidade, veracidade ou falsidade, seja do ineditismo do livro ou a quantidade de horas de sono de José (concepção vericondicional), nem sequer as características físicas do livro (concepção cognitiva – as percepções sensitivas do interlocutor), mas sim as relações intra e interlingüísticas que permitem dadas continuações, e não outras (concepção estrutural), para determinados enunciados, e não para outros.

Continuando o leque de concepções recusadas por Oswald Ducrot e colaboradores, no capítulo quatro da obra *Polifonía y Argumentación: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso* (1990), Oswald Ducrot declara que a TAL é construída para se contrapor à concepção veritativa da língua. Segundo essa concepção, as palavras têm como função primeira produzir uma representação da realidade, isto é, “[...] a língua teria em um nível fundamental um valor informativo. O sentido das palavras seria constituído pela

<sup>15</sup> Tradução minha de "la conclusión no se explica solamente a partir del hecho expresado por el segmento A, sino a través de la forma lingüística de A. En otras palabras, la argumentación está marcada en la lengua misma."

<sup>16</sup> Na Sexta Conferência do seminário Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso, Ducrot explica o parentesco entre *pouco* e a negação. Para o semanticista “[...] existe una categoría general de la negatividad, categoría en la cual habría de hacer entrar por una parte la negación directa (en español se expresa mediante la palabra *no*, en francés con *ne...pas*) y por otra parte palabras como *poco*, estructuras como el comparativo de superioridad y muchas otras.” (DUCROT, 1990, p. 147)

possibilidade que possuem de comunicar informação” (DUCROT, 1990, p. 155, tradução minha)<sup>17</sup> julgadas em termos de verdade ou falsidade.

À Semântica Lógica, Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe formulam sua oposição na obra *La argumentación en la lengua* (1994). Na perspectiva da Semântica Lógica, “[...] todas as manifestações de uma mesma proposição têm idêntico valor [...]” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, p. 158, tradução minha)<sup>18</sup>. Nessa perspectiva, supõem ser possível isolar frases com um valor semântico completo, independentemente de qualquer contexto discursivo. O esforço em construir uma semântica não lógica é assim sintetizado pelos autores: “Nos interessamos, pelo contrário, em construir uma explicação dos encadeamentos discursivos cujos conceitos essenciais – por exemplo, o da argumentação – são relativos ao discurso [...]” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, p.159, tradução minha)<sup>19</sup>. Para ilustrar, imaginemos uma situação em que a mãe, diante da teimosia do filho, anuncia:

(4) *Vou contar até três! Um..., dois...*

O filho reconhece que não se trata de uma simples contagem, mas de uma ameaça, um alerta, impondo ao filho uma determinada percepção; o que significa dizer que, consoante Ducrot (1990, p. 14, tradução minha)<sup>20</sup>, “Falar é construir e tratar de impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade.”

Outro princípio ao qual a Semântica Argumentativa deseja contrapor-se é à ideia de *unicidade do sujeito falante*, Ducrot expõe sua oposição no primeiro capítulo da obra *Polifonía y Argumentación: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso* (1990). De acordo com a concepção de unidade do sujeito falante, para cada enunciado há apenas uma pessoa responsável. Em oposição a essa ideia, Ducrot apresenta a Teoria da Polifonia, a qual assegura que em um enunciado estão presentes vários sujeitos com *status* linguísticos diferentes: (1) *sujeito empírico* (SE); (2) *locutor* (L); e (3) *enunciador* (E). O *sujeito empírico* (SE) é o autor, o produtor efetivo do enunciado, no entanto, determiná-lo é menos fácil do que se imagina. Exemplifico com uma situação comum: a fofoca (5). Quem é o autor efetivo da calúnia?

<sup>17</sup> Tradução minha de "la lengua tendría a un nivel fundamental un valor informativo. El sentido de las palabras estaría constituido por la posibilidad que dan de comunicar información."

<sup>18</sup> Tradução minha de "todas las manifestaciones de una misma proposición tienen idéntico valor [...]"

<sup>19</sup> Tradução minha de "Nos interesamos, por el contrario, por construir una explicación de los encadenamientos discursivos cuyos conceptos esenciales – por ejemplo, el de la argumentación – son relativos al discurso."

<sup>20</sup> Tradução minha de "Hablar es construir y tratar de imponer a los otros una especie de aprehensión argumentativa de la realidad."

(5) *Maria disse que a vizinha X traiu o marido. Foi a Joana quem me contou!*

Para Ducrot, a determinação do *sujeito empírico* (SE) não é um problema linguístico, porque o que interessa ao linguista semanticista é o que está no enunciado, não nas suas condições externas, o autor “carne e osso” do enunciado, mostrando, desse modo, sua oposição à Semântica Cognitiva.

O *locutor* (L) é a figura discursiva a quem é atribuída a responsabilidade pela enunciação. O *locutor* (L) pode ser totalmente diferente do *sujeito empírico* (SE). Imaginemos a situação em que a esposa flagra mensagens românticas de outra mulher no celular do marido e diz:

(6) *Não tenho mais ninguém, amor!*

No universo linguístico, quem é o *eu*? A esposa traída? Pode ser o traidor? Ou, ainda, um simples espectador do flagra. Desconsiderando o mundo extralinguístico, discursivamente *eu* designa o *locutor* (L), isto é, o responsável que enuncia, independentemente de quem seja o *sujeito empírico* (SE). Uma maneira de compreender a distinção *locutor* (L)/*sujeito empírico* (SE) é dar voz a seres que normalmente não falam. Um exemplo corriqueiro disso é encontrar donos de animais de estimação, principalmente de cachorros, passeando em locais públicos e os *pets* fazerem suas necessidades em canteiros de flores, muros e vitrines de lojas. Nesses casos, é frequente depararmo-nos com avisos deste tipo:

(7) *Não sou seu banheiro!*

Discursivamente, *sou* remete ao canteiro de flores, ao muro ou à vitrine, sendo apresentado como *locutor* (L), que certamente não é o autor do enunciado, o *sujeito empírico* (SE).

O *enunciador* (E), terceira categoria discursiva apresentada por Ducrot, é a origem dos pontos de vista do enunciado. Um *enunciado* contém, no mínimo, dois *enunciadores* que não aparecem associados a pessoas, mas a pontos de vista (uma abstração). O *locutor* (L) pode tomar diferentes atitudes<sup>21</sup> em relação aos *enunciadores*, como explicarei mais adiante no tópico em que exponho a *negação* e a *pressuposição*.

À concepção de *sentido literal*, Ducrot (1980) esclarece sua oposição na obra *Les Mots du discours*:

---

<sup>21</sup> O locutor pode tomar a atitude de aceitar, assumir ou rejeitar um enunciador.

Recusamos identificar a significação das frases com o que se chama, habitualmente, o “sentido literal”, entendendo-o como um elemento semântico mínimo que estaria contido no sentido de todos os enunciados de uma mesma frase, um tipo de componente, de ingrediente comum, ao qual cada um deles [enunciados] acrescentaria somente tal ou tal tempero particular devido às suas condições de emprego. Segundo essa concepção não teria, entre sentido e significação, uma diferença de natureza, mas somente de quantidade: o sentido equivaleria à significação mais outra coisa. (DUCROT, 1980, p. 11, tradução de Tânia Maris de Azevedo e inserção minha)<sup>22</sup>

Neste momento, é preciso entender que Ducrot refuta a existência de um elemento semântico mínimo presente em todos os enunciados que, por exemplo, apresentassem um determinado termo. No que tange à diferença entre *significação* e *sentido*, na sequência deste mesmo capítulo tal questão será abordada.

Já a oposição ao referencialismo e ao cognitivismo é explicitada por Ducrot (2006) no texto *La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure?*<sup>23</sup>. O linguista mostra que a TAL contrapõe-se ao referencialismo e ao cognitivismo na medida em que o primeiro pretende associar objetos ou estados de coisas ao sentido das palavras, enquanto o segundo

[...] acredita, de fato, poder isolar “conceitos”, “ideias”, “pensamentos” ou ainda “representações” (termo julgado muitas vezes mais prudente), que o associaria às palavras enquanto [como] seu “sentido”, as palavras que servem somente para evocar essas representações sem serem uma parte constitutiva. (DUCROT, 2006, p. 03, tradução de Alessandra da Silveira Bez, inserção minha)

Ducrot (2006) esclarece que, para a TAL, não é possível descrever o sentido de uma palavra ou signo em si, uma vez que o signo mesmo já é um elemento constitutivo do sentido, assumindo que o sentido de uma entidade linguística consiste em argumentações, isto é, em encadeamentos argumentativos relacionados a essa entidade pela língua.

À semântica paradigmática, Ducrot mostra sua objeção no capítulo III da obra *O dizer e o dito* (1987)<sup>24</sup>. Nessa abordagem, consoante Ducrot, a descrição do sentido associa semântica e estudo do léxico. Desde essa perspectiva, a descrição de um termo consistiria na atribuição de certa significação que tal termo possui quando abstraído de seu emprego no discurso. Então, ao *sentido a priori* – sem referência ao emprego do termo, ao seu papel na

<sup>22</sup> Tradução de "Nous refusons d'identifier la signification des phrases avec ce qu'on appelle d'habitude le 'sens littéral', en entendant par là un élément sémantique minimal qui serait contenu dans le sens de tous les énoncés d'une même phrase, une sorte de composant, d'ingrédient commun, auquel chacun d'eux ajouterait seulement tel ou tel assaisonnement particulier dû à ses conditions d'emploi. Selon cette conception, il n'y aurait pas, entre sens et signification, une différence de nature, mais seulement de quantité: le sens, ce serait la signification, plus autre chose."

<sup>23</sup> In: SAUSSURE, Louis de (Org.) *Nouveaux regards sur Saussure*. Genebra: Librairie Droz S.A., 2006.

<sup>24</sup> Cabe assinalar que o texto foi publicado originalmente em 1973, conforme indicação em nota de rodapé.

frase – Ducrot contrapõe a perspectiva da semântica sintagmática, para a qual a descrição de uma palavra em si mesma, sem considerar o sintagma que ela integra, dificilmente contribui para o valor semântico global do *enunciado*.

De acordo com a perspectiva sintagmática,

[...] a descrição de uma palavra (supondo que seja desejável descrever semanticamente as palavras, o que não é *a priori* necessário) não é fazer a correspondência desta palavra a uma certa noção; é antes fazer a indicação de uma regra que permita prever – ou mesmo, idealmente, calcular – o efeito desta palavra nos discursos em que é empregada. (DUCROT, 1987, 46-47)

A título de exemplo, convido o leitor a acompanhar a descrição do verbo *renovar*, no qual não é difícil perceber a existência de duas ideias: (1) que algo já existe; e (2) o que já existe é colocado sob novas condições. No entanto, quando a negação é adicionada, *não renovar*, o enunciado só pode ser continuado considerando-se a primeira ideia, pois mantenho a afirmação de que algo já existe, mas não a afirmação de que existem novas condições. Vejamos:

(8) *Maria não renovou o guarda-roupa.*

O enunciado (8) possibilita continuações como *portanto suas roupas ainda seguem as tendências da moda*; mas impede outras do tipo *portanto as peças novas são lindas* porque essa continuação não reconhece a negação de uma das ideias presentes no verbo *renovar*, ou seja, a ideia (2) *o que já existe é colocado sob novas condições*.

No Quadro 2, sintetizo o conjunto das oposições a outras concepções teóricas e metodológicas apresentadas até aqui.

Quadro 2 – Conjunto de oposições externas

(continua)

CONCEPÇÃO RECUSADA	CONCEPÇÃO ASSUMIDA
<p><b>Concepção geral de atividade científica</b> As hipóteses externas que comandam a observação dos fatos devem ter justificativas independentemente das hipóteses internas que tentam explicar determinado fato.</p>	<p><b>Custo teórico</b> As hipóteses externas, essas que controlam a observação dos fatos, são determinadas pelas hipóteses internas destinadas a explicar esses fatos.</p>
<p><b>Concepção tradicional de sentido</b> No sentido de um enunciado distinguem-se três tipos de indicação: (a) objetiva; (b) subjetiva; e (c) intersubjetiva. Referindo, respectivamente: (a) uma representação da realidade; (b) a atitude do locutor frente à realidade; e (c) as relações do locutor com as pessoas a quem se dirige. A primeira é frequentemente chamada <i>denotação</i> e as outras duas, <i>conotação</i>.</p>	<p><b>Valor argumentativo</b> O aspecto objetivo é unificado aos aspectos subjetivo e intersubjetivo, num conceito chamado <i>valor argumentativo</i>, uma orientação que determinada palavra exerce no enunciado, possibilitando ao discurso algumas continuações e impedindo outras.</p>
<p><b>Concepção tradicional de argumentação</b></p>	<p><b>Argumentação inscrita na língua</b></p>

Papel reduzido da língua, visto que a conclusão (C) pode ser deduzida do fato (F).	A argumentação não está determinada pelos fatos, mas a própria forma linguística impõe certas continuidades discursivas.
<b>Concepção veritativa</b> As palavras têm como função primeira produzir uma representação da realidade, por isso são objeto de juízo de valor.	<b>Sentido dialógico</b> A descrição do sentido dos enunciados é vista como uma espécie de diálogo, um confronto de diversas vozes.

(conclusão)

CONCEPÇÃO RECUSADA	CONCEPÇÃO ASSUMIDA
<b>Concepção formal de língua</b> Entende a língua como um conjunto de estruturas independentes da enunciação.	<b>Concepção sistêmica de língua</b> Não há sentido <i>a priori</i> . Um termo só pode ser descrito semanticamente pelas relações argumentativas que estabelece com os outros termos do sistema.
<b>Referencialismo e cognitivismo</b> O primeiro mostra como objetos ou estados de coisas constituiriam o sentido das palavras e o segundo crê poder isolar representações associadas a palavras como seu sentido.	<b>Encadeamento argumentativo</b> Não é possível descrever o sentido de uma palavra ou signo em si, uma vez que o signo mesmo já é um elemento constitutivo e assume que o sentido de uma entidade linguística consiste em argumentações relacionadas a essa entidade pela língua.
<b>Unicidade do sujeito falante</b> Em cada enunciado há apenas um responsável.	<b>Teoria da polifonia</b> Em um enunciado estão presentes vários sujeitos com <i>status</i> linguísticos diferentes: (1) sujeito empírico (SE); (2) locutor (L); e (3) enunciador (E).
<b>Noção de sentido literal</b> Elemento semântico mínimo que estaria contido em todas as proposições.	<b>Significação</b> A significação de uma <i>frase</i> comporta a indicação de vazios a serem preenchidos, para que o sentido de um enunciado seja obtido, e também há a indicação de uma ampla gama de possibilidades quanto à maneira de preenchê-los.
<b>Semântica paradigmática</b> A palavra é considerada um todo em si e não faz referência à sua introdução possível em enunciados.	<b>Semântica sintagmática</b> A palavra é descrita na relação com as outras palavras do enunciado.

Fonte: Elaborado por mim.

Ao final deste tópico espero ter: (1) esclarecido os distanciamentos da Semântica Argumentativa em relação à Semântica Vericondicional e à Semântica Cognitiva (Quadro 1); e (2) despertado no leitor, senão admiração pela TAL, minimamente curiosidade, para prosseguir na leitura deste trabalho. Na sequência, elucidado a filiação da Semântica Argumentativa ao campo semântico estrutural.

### 2.3 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: ESTRUTURALISMO E SAUSSURIANISMO

Neste momento, em que me proponho a mostrar como a TAL insere-se no campo semântico estrutural – não que já não tenha indicado vários desses pontos nos tópicos precedentes –, retomo o alerta de Ilari (2003): o que singulariza cada uma das teorias que se autodenominam *semânticas* não é o objeto, mas os pressupostos teóricos e os princípios metodológicos que assumem; na terminologia ducrotiana, suas hipóteses externas e internas. Partindo desse alerta, este tópico deve ser capaz de esclarecer como a TAL (1) filia-se à semântica estruturalista (Quadro 1); (2) conceitua a *significação* como uma abstração do linguista, alcançada pela descrição e explicação do *sentido* do *enunciado* (Quadro 2); (3) assume que o *sujeito empírico* não é objeto da Semântica Argumentativa (Quadro 2); (4) defende a autonomia das relações intra e interlinguísticas para a descrição semântica (Quadro 2); e (5) toma o sintagma como o nível da descrição semântica (Quadro 2).

Da mesma maneira que a definição de *semântica* obrigou-me a estabelecer oposições e limitações, o termo *estruturalismo* exige-me algumas observações, que de modo algum pretendem esgotar seus contornos, apenas expor a relação dessa corrente de pensamento com Saussure.

Abbagnano (2012, p. 440, grifo do autor) define *estruturalismo* como “[...] todo método ou processo de pesquisa que, em qualquer campo, faça uso do conceito de *estrutura*<sup>25</sup> [...]”, e ressalta que o *estruturalismo* engloba um universo de pesquisas em diferentes áreas (filosofia, psicologia, sociologia etc.).

Antes de apresentar como a TAL vincula-se ao campo da semântica estrutural, não posso deixar de comentar o dado apresentado por Abbagnano (2012) referente às diferentes áreas do conhecimento que se utilizam do termo *estruturalismo*, não com o objetivo de verificar como cada uma delas entende *estruturalismo*, mas para situar que a simpatia de diferentes áreas do conhecimento pelo *estruturalismo* decorre, conforme Dosse (1993, p.13), de sua exposição como um método rigoroso capaz de imprimir progressos importantes no rumo da ciência, além de haver constituído, de modo mais fundamental, “[...] um momento particular da história do pensamento suscetível de ser qualificado como o tempo forte da consciência crítica.”, assegurando principalmente às ciências sociais um lugar para saberes não reconhecidos pelas instituições canônicas.

O conceito de *estruturalismo* na percepção de Dosse (1993) é derivado de *estrutura*, que no princípio indicava um sentido arquitetural. Já nos séculos XVII e XVIII, o termo adquire novo sentido, passando a descrever a maneira como as partes integrantes organizam-

---

<sup>25</sup> [...] sinônimo de *sistema* como conjunto ou totalidade de relações (ABBAGNANO, 2012, p. 438), embora esses termos não pareçam ser sinônimos para Saussure, visto não usar o termo *estrutura*.

se numa totalidade. E embora o “nascimento” do *estruturalismo* tenha sido certificado no campo da psicologia, em oposição à psicologia funcional no início do século XX, como método, sua acepção moderna decorre da evolução da linguística.

Se o estruturalismo engloba um fenômeno muito diversificado, mais do que um método e menos do que uma filosofia, ele encontra seu cerne, sua base unificadora, no modelo da linguística moderna e na figura daquele que é apresentado como o seu iniciador: Ferdinand de Saussure. (DOSSE, 1993, p. 65)

Em que consiste, então, o modelo da linguística moderna capaz de agregar, sob o rótulo *estruturalismo*, uma gama de perspectivas não solidárias e, inclusive, opostas entre seus diversos representantes? Dosse (1993), compartilhando das ideias de Françoise Gadet, afirma que o menor ponto de convergência a todos os movimentos estruturalistas é a nova orientação oferecida por Saussure: “A abordagem descritiva, a prevalência do sistema, a preocupação em remontar até as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos [...]” (DOSSE, 1993, p. 67). Desse ponto de vista, a Semântica Argumentativa identifica-se com o paradigma estrutural, já que busca descrever a significação (remontar até as unidades elementares) prevista no sistema linguístico (prevalência do sistema) a partir da observação, descrição e explicação dos sentidos dos discursos (abordagem descritivista).

Ducrot (2018, p. 14, inserção minha), por sua vez, entende que “Ser estruturalista em linguística é estudar a língua pelas relações intralinguísticas entre as palavras, entre as frases [enunciados], entre os discursos, sem tentar descrever a língua em referência a objetos ou às ideias às quais ela alude.”, o que confirma a oposição da TAL às semânticas vericondicional e cognitiva (Quadro 1) e permite ao semanticista inscrever-se no quadro da semântica estrutural ao definir que “[...] a organização do sentido não tem explicação fora do próprio sentido [...]” (DUCROT, 2018, p.15).

Falta-me, ainda, trazer os procedimentos construídos e explicitamente definidos por Ducrot para justificar a vinculação da TAL ao campo da semântica estrutural. Então, volto-me, uma vez mais, à trajetória intelectual e profissional de Oswald Ducrot, no decorrer da qual descobriu, segundo ele, o *estruturalismo*; mais precisamente, nas aulas de filosofia que ministrava e cujo programa incluía essa questão. Assim, viu-se conduzido a ler Saussure<sup>26</sup> para abordar o assunto, e tornou-se linguista.

---

<sup>26</sup> Somente a leitura do *Curso de linguística geral*, esclarecido muitas vezes pelo livro de Godel e pela edição de Mauro, conforme informações fornecidas por Ducrot (2006, p. 2).

Em Saussure, comenta Ducrot (2018, p. 9), “[...] encontrei a ideia que tentei desenvolver durante toda minha vida, que a língua é uma estrutura formal.”, isto é, na definição de Saussure (2006, p. 23, grifo meu), “[...] a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num *sistema de signos* onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.”. Em outras palavras, Ducrot sintetiza a filiação da Semântica Argumentativa a Saussure pela noção de valor, “[...] noção de valor, que eu sempre quis colocar como sendo norteadora de meu trabalho em semântica [...]” (DUCROT, 2006, p.1).

Nesse sentido, como linguista semanticista estruturalista, tendo o hábito de definir os termos aos pares, como *língua/fala*, *sentido/significação*, Ducrot (1984, p. 385) adverte que

[...] descrever semanticamente uma língua é atribuir uma significação a cada uma das suas frases. [...] a significação da frase deve ser compreendida ela própria como um conjunto de instruções permitindo prever, para cada um dos enunciados, que sentido ele terá, tendo em conta a situação em que é empregue.

Polarização saussuriana essa que, na teoria ducrotiana, adquire nova terminologia.

Para Ducrot (1984), é possível distinguir num enunciado: (1) material linguístico e (2) realização linguística. O primeiro é uma espécie de entidade abstrata, idêntica em seus diversos empregos, correspondente à *língua* saussuriana. O segundo, podendo ser entendido de três maneiras: (1) o que foi realizado, o objeto produzido; (2) o acontecimento que constitui a aparição do enunciado; e (3) o processo para a realização de alguma coisa, correspondente à *fala* saussuriana. Ducrot assume, na TAL *realização* no sentido 1.

O *material linguístico*, entidade abstrata, repetível, é designado terminologicamente como *frase*, num nível elementar, e como *texto*, num nível complexo. Já a *realização linguística*, o efetivamente produzido e irrepitível semanticamente, é designada como *enunciado*, num nível elementar, e como *discurso*, num nível complexo. Tal distinção terminológica deriva de ser “[...] pelo aspecto semântico da linguagem que sentimos a necessidade das distinções apresentadas.” (DUCROT, 1984, p. 370). O interesse pelo aspecto semântico, também, justifica a atribuição de valores semânticos de naturezas diferentes à *frase* e ao *texto*, de um lado, e aos *enunciados* e *discursos*, de outro. Nesse contexto, *significação* constitui a representação semântica da *frase* ou do *texto*, enquanto o *sentido*, a do *enunciado* ou do *discurso*.

O Quadro 3, a seguir, apresenta as correlações conceituais entre Saussure e Ducrot.

Quadro 3 – Correlação Saussure - Ducrot

CONCEITO	SAUSSURE	DUCROT	
CONSTRUÇÃO DO LINGUISTA	Língua	Material linguístico	<p align="center"><b>FRASE</b></p> <p>Material linguístico de nível simples do qual o locutor se serve para enunciar.</p>
			<p align="center"><b>TEXTO</b></p> <p>Material linguístico de nível complexo que se traduz numa sequência de frases.</p>
			<p align="center"><b>SIGNIFICAÇÃO</b></p> <p>Valor semântico da frase ou do texto. Conjunto de instruções que permite prever o sentido de cada um dos enunciados que a realizam.</p>
REALIDADE EMPÍRICA	Fala	Realização linguística	<p align="center"><b>ENUNCIADO</b></p> <p>Entidade concreta de nível simples, aquilo que foi efetivamente pronunciado ou escrito. Realização da <i>frase</i>.</p>
			<p align="center"><b>DISCURSO</b></p> <p>Entidade concreta de nível complexo; totalidade semântica resultante da inter-relação de enunciados. A realização de um <i>texto</i>.</p>
			<p align="center"><b>SENTIDO</b></p> <p>Valor semântico do enunciado ou do discurso. Realização da significação inscrita no sistema linguístico.</p>

Fonte: Elaboração minha com base em Ducrot (1984, p. 368 – 393).

Antes de prosseguir com as considerações acerca do Quadro 3, preciso ater-me ao conceito saussuriano de *valor*, que Ducrot (2006) coloca como norteador de toda descrição em Semântica Argumentativa. Relembro que, conforme a síntese apresentada no Quadro 2, as hipóteses externas, que delineiam a observação dos fenômenos, determinam as hipóteses internas, destinadas a explicar esses fenômenos. Para responder a essa questão, uma pesquisa paralela me é requerida, dada a complexidade e a importância do conceito de *valor* para a ciência linguística. De acordo com Flores e Barbisan (2014, p. 9), *valor* é “[...] o conceito que sustenta a arquitetura teórica de Saussure.”.

### 2.3.1 Valor: diferença e oposição

Abordar o complexo *corpus* saussuriano em uma pesquisa científica exige algumas considerações iniciais, a fim de esclarecer as fontes de consulta, dadas as discussões concomitantes sobre o que realmente corresponde às ideias saussurianas e aos materiais ditos “não autênticos”. Não acredito que a discussão acerca da autenticidade ou não da escrita saussuriana seja, aqui, decisiva para os resultados da minha pesquisa, logo não vou me alongar nessa discussão.

Utilizo o *Curso de linguística geral* (CLG) pelo seu caráter didático e papel fundador<sup>27</sup> (muitas vezes único) de contato com as ideias saussurianas. Também consulto os *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2004) porque partilho da afirmação de Flores (FIORIN, 2017, p. 74), segundo a qual esse material contribui para esclarecer as considerações já expostas no CLG. Consulto, igualmente, Depecker (2012), por buscar as fontes manuscritas saussurianas para suas reflexões. Ainda faço uma delimitação: não abordarei todos os conceitos saussurianos, apenas aqueles indispensáveis ao entendimento da noção de *valor*.

Retomo a reflexão saussuriana, já apresentada neste trabalho, sobre o objeto da linguística não ser dado ao pesquisador como um elemento da natureza, mas sim decorrer de um ponto de vista. Depecker (2012, p. 57), recorrendo às *Notas sobre a acentuação lituana*, afirma que Saussure, ao definir a *língua* como objeto da ciência linguística, é guiado pela convicção de que a *língua* não é matéria, já que qualquer um dos elementos da *língua*, um fonema, por exemplo, só passa a existir quando podemos lhe atribuir uma significação diferencial.

[...] as '*entidades*' que somos levados a considerar na língua não se apresentam nunca de forma absoluta. Elas são apenas um 'LUGAR DE DIFERENÇAS *apresentado* ao

<sup>27</sup> Para referendar essa ideia, ver Fiorin, 2017, p. 17.

*nosso espírito*, um *ponto crucial* onde o espírito apreende em permanência diferenças (de som, de intensidade etc.). (DEPECKER, 2012, p. 59, grifos do autor).

Saussure afirma que a presença de um som em uma língua, sendo ele o menor elemento diferencial desse sistema, “[...] só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa a primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável, do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua.” (SAUSSURE, 2004, p. 27, grifos do autor); ou ainda como encontramos no CLG (SAUSSURE, 2006 p. 136): “Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.”. A língua é, então, um sistema de diferenças no qual um termo só existe por oposição a todos os outros que compõem esse sistema.

E é justamente pela *oposição* que Oswald Ducrot, também conhecedor de filosofia, expõe no prefácio da obra *O Intervalo Semântico*, de Carlos Vogt (2009), a aproximação entre o valor saussuriano e a alteridade platônica.

[...] o *Cours de linguistique générale*, no capítulo sobre o Valor, não faz senão aplicar às palavras da língua o que Platão disse sobre as Idéias. A *oposição*, para Saussure, é constitutiva do signo da mesma forma que a *alteridade* é, para Platão, constitutiva das idéias. O valor de uma palavra – ou seja, sua realidade linguística – é o que a opõe às outras. (DUCROT, 2009 *apud* VOGT, 2009, p. 10, 11 – grifos meus)

Parece-me indispensável, para situar “o nascimento” da ideia de alteridade, um rápido pouso em *O Sofista*, de Platão. Nessa obra, a análise de diferentes argumentos leva o estrangeiro de Eleia a indicar que os quatro gêneros primeiros são: o *Ser*, o *Mesmo*, o *Repouso* e o *Movimento*, garantindo que o *Ser* pode se combinar com os outros dois, mas o *Repouso* e o *Movimento* não se podem mesclar. É neste ponto do diálogo que surge uma das mais importantes noções para a compreensão da alteridade constitutiva: a *diferença*. Para Platão, cada um dos três gêneros citados – o *Ser*, o *Repouso* e o *Movimento* – é diferente dos demais, mas idêntico a si mesmo. Assim, ao admitir que o *diferente* permeia os demais gêneros, o estrangeiro de Eleia é levado a considerar não três, mas cinco gêneros (o *Ser*, o *Mesmo*, o *Repouso* e o *Movimento*, o *Outro*) e admitir que “[...] [o *Outro*] permeia a todos, uma vez que cada um deles é *diferente* dos demais, não por razão de sua própria natureza, mas porque partilha da *forma* ou *idéia* do diferente.” (PLATÃO, 2007, p. 223, grifo do autor, inserção minha). Não acredito que precise fazer uma longa reflexão sobre a relação *alteridade-valor* que Ducrot estabelece, visto que muitos textos<sup>28</sup> confirmam e reafirmam essa relação.

<sup>28</sup> Por exemplo: Barbisan, 2014; Azevedo, 2015.

Um último ponto acerca da definição de *valor* saussuriano parece-me, no entanto, ainda necessário.

[...] é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte [*sic*] ela implica a existência de outros *valores*. (SAUSSURE, 2004 p. 30)

Esses “outros *valores*”, segundo o CLG, correspondem às relações e diferenças entre termos do sistema que se desenvolvem em duas esferas distintas, no discurso e fora do discurso. No discurso,

[...] os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, [...]. Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*. [...]. Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que precede ou ao que segue, ou a ambos. (SAUSSURE, 2006, p. 142, grifo do autor).

As *relações sintagmáticas* existem *in praesentia*, quer dizer, na presença de dois ou mais termos em uma série já atualizada (colocada em ato), real ou imaginária. Por oposição, fora do discurso, as palavras que oferecem uma semelhança, quer sonora, quer semântica, associam-se na memória, orquestradas por relações muito diversas. Variam de indivíduo para indivíduo e, uma vez que constituem a *língua* de cada um, são chamadas de *relações associativas*.

As *relações associativas* opõem termos *in absentia*, na ausência, não atualizada (colocada em ato), como links virtuais. Um exemplo nos ajuda a compreender a intersecção dos dois eixos de relações e a constituição do valor linguístico.

	jamais	concluí	um	exercício
(9)	não	terminei	o	trabalho
	nunca	finalizei	aquela	tarefa

No momento em que atualizo *não*, deixo de atualizar o modo afirmativo ou a palavra *nunca*; quando atualizo *terminei*, deixo de atualizar outros termos, como *finalizei* ou mesmo *terminamos*. Da mesma forma, quando atualizo *o*, deixo de atualizar outros termos, como *um*, *aquela* etc. O valor de *terminei*, por exemplo, só é determinado pelas relações que estabelece

no eixo sintagmático com *não* e *o*, mas também com aquelas relações estabelecidas no eixo associativo com *concluí*, *finalizei* etc.

Após apresentar a relação *alteridade constitutiva/valor saussuriano*, volto ao Quadro 3 (no sentido vertical) para mostrar que, como diz Ducrot (1987), a distinção saussuriana *língua/fala* tem duas funções: (1) material; e (2) metodológica. A distinção material é interior ao dado, opondo duas realidades: (a) abstrato; e (b) concreto. A distinção metodológica corresponde à distinção clássica entre o objeto construído pelo pesquisador e o dado para o qual esse objeto deve fornecer uma explicação. (DUCROT, 1987, p. 64)

Ao Quadro 3, ainda preciso acrescentar uma observação essencial que aproxima a ciência linguística e a teoria *semântica*: a passagem da *materialidade* à *realização linguística*.

Nesse sentido, Saussure (2004, p. 237, grifo do autor) questiona-se: “A língua só é criada em vista do discurso, mas o que, em dado momento, permite dizer que língua *entra em ação como discurso*?”. Acredito que Ducrot, como semanticista, mesmo sem ter conhecimento dessa reflexão saussuriana, tendo em vista que a “Nota sobre o discurso” só foi publicada em 2002, também se debruça sobre esse mesmo questionamento e, para resolvê-lo, traz o conceito de enunciação: “[...] o acontecimento histórico, isto é, o facto de uma frase ter sido objecto de um enunciado (ou de um discurso) [...]” (DUCROT, 1984, p. 369). Dados que sintetizo no Quadro 4.

Quadro 4 – O lugar da enunciação

	SAUSSURE	DUCROT	
CONSTRUÇÃO DO LINGUISTA	Língua	Material linguístico	<b>FRASE</b> Material linguístico de nível simples de que o locutor se serve para enunciar.
			<b>TEXTO</b> Material linguístico de nível complexo que se traduz numa sequência de frases.
			<b>SIGNIFICAÇÃO</b> Valor semântico da <i>frase</i> ou do <i>texto</i> . Conjunto de instruções que permite prever o sentido de cada um dos enunciados que a realizam.
O QUE SEPARA <sup>29</sup> O DISCURSO DA LÍNGUA?		<b>ENUNCIÇÃO</b>	
REALIDADE EMPÍRICA	Fala	Realização linguística	<b>ENUNCIADO</b> Entidade concreta de nível simples. A realização de uma <i>frase</i> .
			<b>DISCURSO</b> Entidade concreta de nível complexo; totalidade semântica resultante da inter-relação de enunciados. A realização de um <i>texto</i> .
			<b>SENTIDO</b> Valor semântico do <i>enunciado</i> ou do <i>discurso</i> . Realização da <i>significação</i> inscrita no sistema linguístico.

Fonte: Elaboração minha com base em Ducrot (1984, p. 368 – 393).

O conceito *enunciação*, do ponto de vista da TAL, não tem apenas função terminológica, mas também função semântica.

<sup>29</sup> Encontrei a expressão “separa” na versão consultada de *Escritos de Linguística Geral* (2004), mas o termo deve ser compreendido como o que torna possível a *língua* ser transformada em *discurso*.

A ideia fundamental, repito, é que todo enunciado, mesmo que pareça bastante <<objetivo>> (*A terra é redonda*), faz alusão à sua enunciação: quando se fala, fala-se sobre a própria fala. Essa hipótese de que o dito denuncia o dizer, mesmo quando não está fazendo isso usando tal ou tal morfema explícito, pode desempenhar um grande papel na descrição dessas sequências desses encadeamentos de enunciados que constituem o discurso. Muito frequentemente, de fato, é interessante, para compreender que dois enunciados sucessivos estão conectados um ao outro, admitir que a sua relação semântica diz respeito, pelo menos um deles, não à informação que ele comunica sobre os acontecimentos do mundo, mas a este evento particular que constitui sua enunciação, visto através da imagem que dá dela o sentido do enunciado. (DUCROT, 1980, p. 40, tradução de Tânia Maris de Azevedo)<sup>30</sup>

Trago este exemplo para ilustrar a hipótese ducrotiana:

(10) *Esse lugar é mais limpo do que um hospital.*

Em (10), o enunciado faz referência à enunciação, uma vez que o sentido de *limpo* em (10) constitui-se de um grau de limpeza que ultrapassa até mesmo o que é esperado de um hospital nesse quesito, isto é, de uma limpeza que extinga não só a sujeira visível, mas, principalmente, bactérias, fungos e vírus.

Ainda outra função semântica é atribuída à *enunciação*. Ducrot (1994) explica *enunciação* como a atividade de quem fala no momento em que fala, sendo histórica e circunstancial, havendo a impossibilidade de ser produzida duas vezes; porém, reitera que o conceito não tem nada de psicológico, nem implica a possibilidade de que o enunciado seja produzido por um sujeito falante. Assim, o conceito de *enunciação* justifica duas oposições no par *significação/sentido*: (1) quantidade e (2) natureza. A diferença de quantidade mostra que o enunciado traz muito mais do que a frase indica. Imaginemos a situação em que a professora flagra seus alunos em plena “cola” e diz:

(11) *Bonito, hein!*

---

<sup>30</sup> Tradução de "L'idée fondamentale, je le répète, est que tout énoncé, fût-il en apparence tout à fait 'objectif' (*La terre est ronde*), fait allusion à son énonciation: dès qu'on parle, on parle de sa parole. Cette hypothèse que le dit dénonce le dire, même lorsqu'il ne le fait pas à l'aide de tel ou tel morphème explicite, cette hypothèse peut jouer un grand rôle dans la description de ces enchaînements d'énoncés qui constituent le discours. Très souvent, en effet, il est intéressant, pour comprendre que deux énoncés successives sont reliés l'un avec l'autre, d'admettre que leur rapport sémantique concerne, pour l'un au moins d'entre eux, non pas les informations qu'il communique relativement aux événements du monde, mais cet événement particulier que constitue son énonciation, vue à travers l'image que donne d'elle le sens de l'énoncé."

O enunciado (11) indica a constatação da cola e a decepção da professora pela falta de ética dos alunos. Essas indicações só podem ser verificadas no *enunciado*, não estão presentes na *frase*, embora o sistema linguístico autorize tais usos, pois a ironia em (11) só é assim compreendida por alusão à sua *enunciação*<sup>31</sup>. Se a *enunciação* de (11) não fosse anteriormente descrita, como seria possível distinguir a ironia do elogio, em termos de sentido?

A diferença de natureza leva a admitir que a significação consiste num conjunto de instruções que possibilitam interpretar os enunciados. Ou seja, instruções abertas – que permitem sua persistência no tempo e no espaço; idênticas – por meio da diversidade dos atos efetivamente realizados (os enunciados) em condições particulares; e sempre novas – pois produzidas *hic et nunc*<sup>32</sup>, conforme Ducrot (1987).

Até aqui, espero ter confirmado as pesquisas de Barbisan (2012) e Azevedo (2015a), por exemplo, que mostram como a *alteridade* constitui, de diferentes formas, a Semântica Argumentativa. Falta-me, ainda, apresentar de que modo a Teoria da Polifonia descreve o sentido de um discurso como um jogo de alteridade locutor-enunciadores. Percurso esse que realizo no próximo capítulo deste estudo, quando mudo meu foco *das oposições exteriores às oposições interiores* à Semântica Argumentativa, que lhe permitem uma ainda maior aproximação aos postulados saussurianos.

---

<sup>31</sup> Situação mais comum em uma interlocução escrita, no entanto, também ocorre em interlocuções orais, tanto que, inúmeras vezes, a entonação aferida à ironia não é percebida pelo interlocutor.

<sup>32</sup> Em português, *aqui e agora*.

### 3 TEORIA DA POLIFONIA: VOZES E SENTIDO

*Eu prefiro olhar para trás e dizer: “Eu não posso acreditar que fiz isso”. Do que dizer: “Eu gostaria de ter feito”.*

**Clarice Lispector**

No início deste tópico, reafirmo a necessidade de a pesquisa científica fazer escolhas teóricas e metodológicas para justificar as delimitações que serão expostas neste momento.

Quanto às decisões metodológicas, justificando a epígrafe escolhida para este tópico, apresento como as formulações da Semântica Argumentativa foram se diferenciando, sempre na busca de uma maior congruência com os postulados saussurianos, ou seja, exponho os pontos que originaram a passagem de uma versão à outra. Tal escolha metodológica permite não só me manter coerente com o princípio de alteridade, central nesta tese, mas também situar a Teoria da Polifonia como recorte teórico que fundamenta as análises aqui descritas e explicadas.

Completando as delimitações, utilizo, como recorte teórico para abordar a concepção polifônica do sentido, três obras ducrotianas: *Les Mots du discours* (1980), *O dizer e o dito* (1987) e *Polifonia y Argumentación: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso* (1990), já que a Teoria da Polifonia em sua última versão ainda está sendo construída.

Expostas as escolhas teórico-metodológicas, este capítulo tem como objetivos: (1) mostrar as oposições internas da Semântica Argumentativa; (2) caracterizar a concepção polifônica do sentido; (3) trazer e exemplificar os fenômenos linguístico-polifônicos descritos por Ducrot, a pressuposição e a negação<sup>33</sup>; e (4) explicitar o método utilizado nesta pesquisa.

#### 3.1 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: VERSÕES E REVISÕES

Início este tópico expondo o percurso que adoto para mostrar as oposições internas da Semântica Argumentativa. Elegi alguns pontos que, no meu entender, são fundamentais para esclarecer as diferenças que caracterizam cada versão da Teoria, além de pontuar alguns fundamentos que a permeiam ao longo de sua existência, pois, como afirma Marques (2006,

---

<sup>33</sup> Na Teoria da Polifonia, Ducrot discute outros fenômenos que classifica como polifônicos como o humor e a ironia, por exemplo. Devido a incidência da pressuposição e da negação na análise que desenvolvo na sequência, trago apenas esses dois casos.

p. 178), “Poder separá-las implica conhecê-las e conhecer é conhecer pela diferença.”. Concentro-me, então, em descrever cada versão, considerando: (1) tese; (2) definição de *argumentação*; (3) definição de *sentido*; (4) definição de *significação*; (5) caracterização da descrição semântica; e (6) reformulação da versão atual ou elaboração de uma nova.

Em um texto escrito em 1975 e publicado originalmente em 1976<sup>34</sup>, Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe apresentam a tese que orienta a pesquisa semântica na primeira versão da Teoria da Argumentação na Língua (TAL). Segundo os autores, na linguagem, quando uma pergunta é feita, alguém se apresenta como impondo obrigações a outra pessoa, concepção que caracteriza a descrição dos enunciados pelo tipo de diálogo a que dão início. Para esses autores (1994), “[...] é um traço *constitutivo* de numerosos enunciados o fato de não poderem ser empregados sem pretender orientar o interlocutor para um determinado tipo de conclusão (excluindo outro)” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, p. 48, grifo dos autores, tradução minha)<sup>35</sup>.

Considerando essa tese, Oswald Ducrot (1989) relata que ao observar enunciados como (a) *Pedro comeu pouco* e (b) *Pedro comeu um pouco*, em uma dada situação, trata-se do mesmo fato, isto é, a pequena quantidade ingerida por Pedro, mas nunca do mesmo objetivo argumentativo. De acordo com Ducrot (1989), foram observações como as realizadas a partir de *pouco* e *um pouco* – situadas como ponto de partida para a Teoria – que reafirmam a ideia de que a argumentação é intrínseca à língua.

Na primeira versão da Semântica Argumentativa, chamada “forma *standard*”, a argumentatividade é definida como o conjunto das conclusões possíveis, isto é, a força argumentativa de um enunciado deve ser descrita como o conjunto de enunciados que podem surgir como conclusão desse enunciado. Em um contexto onde existe a crença de que quando a criança não brinca ou não interage ela está doente, observemos, a título de exemplificação, os enunciados (12) e (13).

(12) *A criança brincou pouco.*

A força argumentativa de (12) consistiria no conjunto de enunciados que lhe podem ser encadeados em um discurso por *portanto* ou outro conectivo implícito ou explícito que

<sup>34</sup> Nesta pesquisa, utilizei a versão publicada na edição hispânica da obra *La argumentación en la lengua* (1994).

<sup>35</sup> Tradução minha de “es un rasgo *constitutivo* de numerosos enunciados, el que no se los pueda emplear sin pretender orientar al interlocutor hacia un tipo de conclusión (por el hecho de que se excluye otro tipo de conclusión)”.

orientar para uma conclusão sobre essa situação incomum. Nesse conjunto, estariam enunciados como, por exemplo: *portanto deve estar doente, então não demonstrou um comportamento saudável* etc. Por outro lado, não pertenceriam ao tal conjunto, que poderia ser encadeado a (12), enunciados como: *portanto já apresenta sinais de recuperação* ou *logo podem-se descartar sequelas graves*, estes últimos pertencentes ao grupo de enunciados que pode aparecer como conclusão para (13).

(13) *A criança brincou um pouco.*

No quarto capítulo da versão hispânica da obra *La argumentación en la lengua*, publicado originalmente em 1986, Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre diferenciam quatro etapas no estudo da argumentação. Duas anteriores à proposta apresentada por esses autores em 1983, na obra *L'argumentation dans la langue*, e duas etapas posteriores por eles consideradas as duas primeiras versões da TAL. Dada a orientação metodológica deste capítulo – isto é, a exposição das oposições que caracterizam a passagem de uma versão a outra desde o interior da Teoria –, não discuto as duas primeiras etapas no estudo da argumentação, considerando a anterioridade desses estudos em relação à chamada, pelos próprios autores, Semântica Linguística.

Explicitada a delimitação feita, volto-me à terceira etapa do estudo da argumentação que, no desenvolvimento da TAL, corresponde à sua primeira versão. Consoante Anscombre e Ducrot (1994, p. 194, tradução minha), na “Terceira etapa: observamos que existem, na própria estrutura das frases, operadores propriamente argumentativos. Isso nos conduz, então, a colocar na significação das frases, ao lado de valores descritivos, valores argumentativos independentes [...]”<sup>36</sup>.

Assim, enunciados que contenham os operadores *pouco* e *um pouco*, do ponto de vista da indicação dos fatos, expressam, por exemplo, em (12) e (13), a reduzida interação da criança nas brincadeiras, assumindo que o sentido dos enunciados comporta indicações factuais, determinadas desde a significação da frase. No entanto, sustentar que os movimentos argumentativos estão orientados por um elemento factual inerente à significação direciona para um conjunto de conclusões opostas ao princípio fundamental da Semântica Argumentativa, isto é: “A argumentação está na língua.”

---

<sup>36</sup> Tradução minha de “Tercera etapa: observamos que existen, en la estructura misma de las frases, operadores propriamente argumentativos. Esto nos conduce entonces a colocar en la significación de las frases, al lado de valores descriptivos, valores argumentativos independientes [...]”.

Quanto à estrutura semântica, na versão *standard*, os autores sustentam que:

[...] ao menos certas frases (por exemplo, aquelas com *pouco, um pouco, tanto... quanto*), não só podem favorecer certas argumentações, mas, além disso, devem proporcionar outras; as frases impõem que seus enunciados sejam utilizados argumentativamente e que o sejam em uma direção determinada. (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, p. 206, tradução minha)<sup>37</sup>.

No que se refere à descrição do sentido, os semanticistas argumentam que, quando se descreve um enunciado desse tipo, é necessário dizer qual a sua orientação e, também, a que pode servir de argumento.

Ducrot (1989) reconhece que essa primeira versão da Teoria expõe numerosos problemas, exemplificando, nesse sentido, que é possível utilizar os dois morfemas (*pouco e um pouco*) para conclusões idênticas modificando-se apenas as razões que amparam uma ou outra conclusão. E, ainda nessa primeira versão, a concentração dos autores nos operadores argumentativos limitava o alcance da tese geral da Teoria, pois se excluía as frases que não trouxessem tais elementos. Além disso, Ducrot e Anscombe perceberam uma dependência dos elementos informativos cuja distância eles pretendiam radicalizar na Semântica Argumentativa.

[...] os operadores argumentativos têm por função introduzir a argumentatividade na estrutura semântica das frases, o que implicava duas coisas: por um lado, que pode haver frases desprovidas de valor argumentativo (as que não contêm tais operadores) e, por outro lado, que as frases com operadores suscetíveis de possuir elementos argumentativos uns ao lado de outros (introduzidos pelo operador) e elementos informativos herdados das frases de partida a que o operador foi aplicado. (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, p. 213, tradução minha)<sup>38</sup>.

Revisões nessas constatações iniciais, identificando vários problemas, conduzem os autores a reformulações expostas e sistematizadas na segunda versão da Teoria, a chamada *forma recente*, quando são elaborados dois conceitos: (1) *topos* e (2) *polifonia*, que concentram as principais diferenciações com a primeira versão.

<sup>37</sup> Tradução minha de "al menos ciertas frases (por ejemplo, aquellas con *peu, un peu, aussi... que*), no sólo pueden favorecer ciertas argumentaciones, sino que, además, deben proporcionar otras; las frases imponen que sus enunciados sean utilizados argumentativamente y que lo sean en una dirección determinada."

<sup>38</sup> Tradução minha de "los operadores argumentativos tienen por función introducir la argumentatividad en la estructura semántica de las frases, lo que implicaba dos cosas: por una parte, que puede haber frases desprovistas de valor argumentativo (las que no contienen tales operadores) y, por otra parte, que las frases con operadores susceptibles de poseer elementos argumentativos unos al lado de otros (introducidos por el operador) y elementos informativos heredados de las frases de partida a las que se han aplicado el operador."

Abordo, inicialmente, as reflexões acerca do conceito de *topos*<sup>39</sup>. Os autores, em texto publicado originalmente em 1988<sup>40</sup>, constataram que é fácil descrever de maneira argumentativa o que opõe enunciados como *João comeu pouco* e *João comeu um pouco*; no entanto, depararam-se com a dificuldade de articular essa diferença com o conteúdo comum às duas frases, que deveria ser também descrito em termos argumentativos (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, p. 216).

A primeira revisão ducrotiana refere-se ao conceito de *argumentação*. Ducrot (1989) reflete sobre a necessidade de um conceito mais amplo referindo não apenas a totalidade dos *enunciados*, mas também os elementos semânticos que constituem seu sentido. Isso leva Ducrot (1990, p. 91, grifo do autor, tradução minha)<sup>41</sup> a reafirmar a revisão do conceito de *argumentação*, assumindo que “Foi então necessário definir o potencial argumentativo por meio de uma noção diferente da de conclusão. Esta noção é a de *topos*, noção fundamental na definição da teoria recente.”. A noção de *topos* leva ao abandono da descrição da argumentação no nível dos enunciados, como o conjunto de enunciados-conclusão possíveis a partir de um enunciado-argumento, e a atenção é conferida, a partir de então, aos enunciadores presentes no enunciado.

O *topos* é considerado, pelo semanticista, *um princípio argumentativo* e não um conjunto qualquer de argumentos; uma garantia que assegura a passagem do argumento à conclusão. O *topos* é caracterizado, no âmbito dessa versão recente da TAL, como *comum*, a uma comunidade, *geral* e *gradual*. Nesse sentido, o *topos* é *comum* por ser compartilhado, aceito por uma coletividade; é um princípio *geral*, pois não é válido apenas para a situação pontual da qual se fala na instância enunciativa em que é utilizado, mas o é também para uma infinidade de situações análogas; e é *gradual* por colocar em relação escalas argumentativas<sup>42</sup>.

Assumindo que o encadeamento discursivo de um argumento com uma conclusão ocorre pela aplicação de princípios gerais – os *topoi*<sup>43</sup> –, a significação de uma frase é definida como o conjunto de *topoi* cuja aplicação a frase<sup>44</sup> autoriza no momento em que é enunciada.

<sup>39</sup> Esse conceito não será objeto desta tese e só será abordado para dar conta da forma recente da TAL.

<sup>40</sup> Nesta pesquisa, utilizei a versão publicada na edição hispânica da obra *La argumentación en la lengua* (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994).

<sup>41</sup> Tradução minha de "Fue entonces necesario definir el potencial argumentativo por medio de una noción diferente de la de conclusión. Esta noción es la de *topos*, noción fundamental en la definición de la teoría reciente."

<sup>42</sup> Conforme Ducrot (1981), em uma *escala argumentativa* em que a relação de dois argumentos *p* e *p'* orientados para uma conclusão *r*, *p'* é admitido como mais forte do que *p*.

<sup>43</sup> Plural grego de *topos*.

<sup>44</sup> Utilizada conforme sentido definido na página 33 desta tese.

Já o sentido de um enunciado consiste em deduzir o *topos* utilizado pelo locutor, como, por exemplo, em (14),

(14) *A criança brincou pouco, portanto deve estar doente.*

Em que o locutor utiliza um *topos* que pode ser assim formulado: *quanto menos a criança brinca, menos saudável está.*

A revisão da forma recente levou Marion Carel (1992), em sua tese de doutorado sob a orientação de Oswald Ducrot, a afirmar que a noção de *topos* estava baseada em fundamentos que não eram de ordem propriamente linguística, mas que advinham do contexto extralinguístico. Ao que Ducrot (2005, p. 13, grifos do autor, tradução minha)<sup>45</sup> então argumenta: “[...] se postulamos a existência de um princípio independente da língua, do tipo *algo está próximo, portanto esse algo é de fácil acesso*, estamos sendo desleais à premissa saussuriana segundo a qual a língua não deve ser descrita a não ser por meio dela mesma.”

Antes de expor a versão atual da Semântica Argumentativa – a Teoria dos Blocos Semânticos, que traz a revisão e a inviabilização da Teoria dos *Topoi* –, vou concluir a apresentação da versão recente pela explicitação do conceito de *polifonia*.

A Teoria da Polifonia, embora também incluída na versão recente, foi desenvolvida de forma paralela, portanto essa teoria e a dos *topoi* não compartilham dos mesmos conceitos, conforme apresento na sequência.

A ideia central da Teoria da Polifonia consiste em afirmar que em um mesmo enunciado estão presentes vários sujeitos com *status* linguísticos diferentes, definindo a argumentação a partir das indicações que a frase dá sobre as relações entre os interlocutores, o que sugere que a frase, na língua, contém alusões sobre aquilo que se faz quando se fala.

A significação, nessa teoria, é descrita por: (1) a mobilização, pelo locutor L, dos pontos de vista de diferentes enunciadoreis; e (2) a indicação da posição de L em relação a cada enunciador posto em cena na constituição do sentido de um enunciado (DUCROT, 1990, p. 66). A descrição semântica na Teoria da Polifonia consiste em responder a algumas perguntas:

[...] o enunciado contém a função locutor?, a quem se atribui essa função?, a quem se assimila o locutor?, quais são os diferentes pontos de vista expressos, quer dizer, quais são as diferentes funções de enunciador presentes no enunciado?, a quem se atribui eventualmente essas funções? (DUCROT, 1990, p. 20, tradução minha)<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Tradução minha de "si postulamos la existencia de un principio independiente de la lengua del tipo *algo está cerca, por lo tanto ese algo es de fácil acceso*, estamos siendo desleales con la premisa saussureana según la cual la lengua no debe ser descripta más que por medio de ella misma".

<sup>46</sup> Tradução minha de "el enunciado contiene la función de locutor?, a quién se le atribuye esta función?, a quién se asimila el locutor?, cuáles son los diferentes puntos de vista expresados, es decir, cuáles son las diferentes funciones de enunciador presentes en el enunciado?, a quién se atribuyen eventualmente estas funciones?"

Agora, dado o objetivo deste tópico de mostrar as oposições internas da Semântica Argumentativa, apresento também sua versão mais atual, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Alertado, no entanto, que não faz parte do objeto desta pesquisa aprofundar análises dessa última versão da TAL, menciono-a apenas no sentido de pôr à mostra as diferenças de cada versão da Teoria.

Como já afirmado anteriormente, essa última versão invalida a Teoria dos *Topoi* ao constatar que o *topos* é um princípio argumentativo exterior à língua. A ideia central dessa versão é a de que “[...] o próprio sentido de uma expressão é dado pelos discursos argumentativos que podem ser encadeados a partir dessa expressão. A argumentação não se agrega ao sentido, mas o constitui.” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13, tradução minha)<sup>47</sup>. Pela TBS, o sentido de uma entidade linguística não se constitui por coisas, fatos ou crenças psicológicas, mas por discursos que a entidade linguística evoca na forma de encadeamentos argumentativos. A fórmula geral do encadeamento argumentativo é

#### X CONECTOR Y,

em que X e Y são segmentos unidos por um CONECTOR. A Teoria dos Blocos Semânticos admite apenas dois tipos de conectores, logo, somente dois tipos de encadeamento argumentativo: (1) encadeamentos argumentativos *normativos*, com conectores do tipo *portanto*, tradução do conector francês *donc*, abreviado por DC; e (2) encadeamentos argumentativos *transgressivos*, com conectores do tipo *no entanto*, tradução do conector francês *pourtant*, abreviado por PT<sup>48</sup>. Os encadeamentos normativos cujo conector for *portanto* podem ser realizados por outras palavras que indicam a mesma relação de normatividade, por exemplo, em português, *então*, *tanto...quanto*, *consequentemente* etc. Já os encadeamentos transgressivos podem ser manifestos por expressões como *ainda que*, *apesar de*, *mesmo que* etc. O que importa não é a atualização do conector, mas a relação normativa ou transgressiva que imprimem no encadeamento argumentativo.

O *sentido*, então, é obtido pela relação de interdependência do argumento com a conclusão unidos por um ou outro conector. Acredito que o exemplo (15) ilustre, minimamente, os conceitos anteriores.

---

<sup>47</sup> Tradução minha de “el sentido mismo de una expresión está dado por los discursos argumentativos que pueden encadenarse a partir de esa expresión.

<sup>48</sup> Mantere os conectores em francês, uma vez que são conectores-tipo que podem ser representados por outras palavras ou expressões que indiquem a mesma relação de sentido.

(15) *João está doente, mesmo assim continua feliz.*

Em (15), estão relacionados dois conceitos, *doença* e *felicidade*. Pela Teoria dos Blocos Semânticos, o locutor tem à sua disposição oito encadeamentos argumentativos que podem ser agrupados em dois blocos semânticos de quatro aspectos cada um. A regra para separação dos aspectos em cada bloco semântico é que a interdependência entre *doença* e *felicidade* continue a mesma nos quatro encadeamentos. Aqui, *doença* pode adquirir o sentido de *empecilho para a felicidade* ou de *momento delicado que exige muitos cuidados*.

No primeiro bloco, *doença* está com o sentido de *momento delicado de muitos cuidados*, e temos os seguintes encadeamentos:

(15a) *doente* DC *feliz*

(15b) *neg*<sup>49</sup>-*doente* DC *neg-feliz*

(15c) *doente* PT *neg-feliz*

(15d) *neg-doente* PT *feliz*

Mas é do segundo bloco semântico que se obtém o sentido atualizado pelo locutor de (15), quando *doença* adquire o sentido de *empecilho para a felicidade*.

(15e) *doente* DC *neg-feliz*

(15f) *neg-doente* DC *feliz*

(15g) *doente* PT *feliz*

(15h) *neg-doente* PT *neg-feliz*

O locutor assume o encadeamento argumentativo *doença* PT *felicidade*, embora aceite a existência de encadeamentos argumentativos, como *doença* DC *neg-felicidade*<sup>50</sup>.

Sistematizo a síntese das principais oposições internas à Semântica Argumentativa no Quadro 5.

<sup>49</sup> *Neg* é a notação utilizada pela TBS para sinalizar a negação.

<sup>50</sup> Para maiores detalhes sobre os aspectos argumentativos, ver, por exemplo, Carel e Ducrot (2005). Não abordarei mais aprofundadamente esse conceito, pois, como já disse, a TBS não integra meu objeto de investigação nesta tese.

Quadro 5 – Conjunto de oposições internas

(continua)

<b>SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA</b>				
<b>Tese geral: <i>A argumentação está na língua</i></b>				
<b>VERSÕES</b>	<b>STANDARD</b>	<b>RECENTE</b>		<b>BLOCOS SEMÂNTICOS</b>
		<b>TOPOS</b>	<b>POLIFONIA</b>	
<b>TESE</b>	O emprego de determinados argumentos ou operadores argumentativos orienta para uma conclusão, excluindo outras.	O <i>topos</i> é um lugar comum argumentativo que garante a passagem do argumento para a conclusão.	Em um mesmo enunciado estão presentes vários sujeitos com <i>status</i> linguísticos diferentes.	O sentido de uma expressão é constituído pelos discursos argumentativos que podem ser encadeados a essa expressão.
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	A força argumentativa de um argumento A deve ser definida pelo conjunto de conclusões para o qual A orienta.	Já está presente nas frases de partida, sob a forma de <i>topos</i> que constitui a significação.	Já está presente nas frases, sob a forma de indicações à atividade de fala.	Constitui a significação, por meio dos encadeamentos que a língua possibilita mobilizar ou não.
<b>SENTIDO</b>	Contém indicações dos fatos.	Decorre da identificação do <i>topos</i> .	Representação da enunciação; representação que inclui as vozes de vários enunciadores.	Realizado pela relação de interdependência de dois segmentos, unidos por um conector do tipo de <i>donc</i> ou do tipo de <i>pourtant</i> , com ou sem a partícula negativa.
<b>SIGNIFICAÇÃO</b>	Ao lado dos valores descritivos, é constituída por valores argumentativos independentes.	O conjunto de <i>topoi</i> cuja aplicação a frase autoriza no momento em que é enunciada.	Constituída pelos pontos de vista atualizados pelo locutor pela posição assumida por este em relação a cada enunciador.	Constituída por blocos de dois conceitos interdependentemente relacionados.

(conclusão)

SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA				
Tese geral: A argumentação está na língua				
VERSÕES	STANDARD	RECENTE		BLOCOS SEMÂNTICOS
		TOPOS	POLIFONIA	
DESCRÇÃO SEMÂNTICA	Descrição da orientação argumentativa constitutiva de determinado enunciado, simulando situações em que pode ser realizado.	Identificação do <i>topos</i> convocado pelo locutor para efetivar a passagem do argumento à conclusão.	Descrição dos pontos de vista mobilizados pelo locutor e identificação das atitudes deste em relação a cada enunciador.	Descrição do(s) encadeamentos e aspecto(s) do bloco semântico atualizado(s) no discurso.
RAZÕES PARA INVIABILIDADE	Podem-se utilizar dois morfemas ( <i>pouco</i> e <i>um pouco</i> , por exemplo) para conclusões idênticas, modificando-se apenas as razões que amparam uma ou outra conclusão.	Os <i>topoi</i> são extralinguísticos, advindos de relações existentes entre os fatos.	Nada consta.	Nada consta.

Fonte: Elaborado por mim.

Penso que a contribuição deste tópico para esta pesquisa, em especial, e à pesquisa científica como um todo, está em mostrar como as constantes revisões internas da Semântica Argumentativa (como toda teoria verdadeiramente científica, portanto, em permanente processo de validação e das decorrentes reformulações) potencializaram a elaboração de sua versão atual; logo, a exposição aqui realizada, fiel à perspectiva da alteridade, não se debruça em “problemas”, mas nas diferenças que permitem singularizar cada versão, possibilitando maior filiação aos postulados saussurianos.

Não tive o objetivo de trazer todas as reflexões ducrotianas desenvolvidas ao longo da Teoria. Meu objetivo, bem mais modesto por sinal, foi o de situar, dentre o leque de reflexões dos autores da TAL, a Teoria da Polifonia como recorte teórico-metodológico desta pesquisa. Na sequência, e considerando as diretrizes deste capítulo, concentro-me, então, em detalhar a concepção polifônica de sentido.

### 3.2 CONCEPÇÃO POLIFÔNICA DO *SENTIDO*: PRECISÃO E ALARGAMENTOS

Este subitem caracteriza-se por dois movimentos aparentemente antagônicos: (1) precisão e (2) alargamento. O primeiro movimento, *precisão*, reflete a decisão de pontuar a concepção polifônica do sentido como fundamento teórico da pesquisa aqui empreendida, isto é, na investigação de processos de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor entender o sentido de um discurso como um jogo de alteridade locutor-enunciadores, objetivo geral desta tese. Já o segundo movimento, *alargamento*, consiste em trazer contribuições de outros semanticistas, baseados na Semântica Argumentativa, para expor o potencial da Teoria da Polifonia na descrição do sentido do discurso.

Negróni e Tordesillas (2001) sintetizam a ideia de potencialidade dessa Teoria.

Estamos seguros de que a teoria polifônica da enunciação *pode desenvolver novos instrumentos para a descrição linguística que facilitem a apreensão minuciosa do funcionamento da língua*, [...] devemos dizer a seu favor que as hipóteses que sustentam essa teoria permitiram *abrir novos horizontes para a descrição semântica e enriquecer as abordagens linguísticas* por podermos nos aprofundar no conhecimento da significação da frase. (NEGRÓNI; TORDESILLAS, 2001, p. 184, grifos meus, tradução minha)<sup>51</sup>.

Ressalto, entretanto, que não farei uma retrospectiva evolutiva do conceito de *polifonia*, até porque isso já foi realizado por Barbisan e Teixeira (2002).

Para dar conta do movimento *precisão*, entendo ser necessária a retomada de alguns conceitos tratados no capítulo anterior e que agora serão expostos sob o enfoque das potencialidades da concepção polifônica de sentido.

Como já mencionado anteriormente, a Teoria da Polifonia consiste na identificação de vários sujeitos com *status* linguísticos diferentes em um mesmo enunciado, dado confirmado pela afirmação de Marques (2006, p. 177) quanto à ideia de alteridade no discurso: “[...] o que o *Teeteto* e o *Sofista* trazem de audacioso é o passo decisivo que consiste em pensar radicalmente a alteridade não apenas como conteúdo (*lógos*) [*sic*] do discurso, mas também como modo de enunciação (*lógos*) propriamente dito.”. Acredito que Marques, ao indicar a relação de alteridade como um modo de enunciação, reafirma, em uma perspectiva filosófica,

---

<sup>51</sup> Tradução minha de "Estamos seguros de que la teoría polifónica de la enunciación puede desarrollar nuevos instrumentos para la descripción linguística que faciliten la aprehensión minuciosa del funcionamiento de la lengua, [...] debemos decir a su favor que las hipótesis que sustentan dicha teoría han permitido abrir nuevos horizontes para la descripción semántica y han enriquecido los planteamientos lingüísticos desde el momento en que podemos ahondar en el conocimiento de la significación de la frase."

a oposição ducrotiana ao princípio da *unicidade do sujeito falante* (que postula a presença de um único sujeito que fala em cada enunciado), pois, para Azevedo (2015), as relações constitutivas em uma enunciação, colocam em jogo mais de um elemento, na perspectiva polifônica, locutor e enunciadore, enunciadore e enunciadore. Cada enunciado tem seu sentido constituído pela presença simultânea dos pontos de vista e pela posição do locutor em relação a cada enunciador. É nessas relações que cada enunciado constitui sentido em si e participa da constituição do sentido do discurso como unidade semântica complexa. Mais uma vez, a *alteridade*, a diferença que permite definir a essência do ser, apresenta-se na complexidade do discurso como um modo de enunciação.

É possível cogitar que o próprio conceito de *polifonia* seja cunhado no interior da Teoria em oposição a outras áreas que mobilizam o mesmo termo, como a música ou a literatura, conforme apresento na sequência.

De acordo com Ducrot (1990, p. 15), diferentes conceitos de *polifonia* são desenvolvidos e sustentados por distintas áreas. Originalmente<sup>52</sup>, a noção foi utilizada como um tipo de composição musical em que há a sobreposição de diferentes partituras. Da música, o conceito de *polifonia* é adaptado por Mikhail Bakhtin para diferenciar duas formas de literatura: a dogmática, em que há somente a voz do autor; e a polifônica, na qual existem vários personagens que tomam a palavra e são autoapresentados. Ao adequar a noção de *polifonia* às análises linguísticas de enunciados, Ducrot (1990, p. 16) considera que o locutor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas coloca em cena, em um mesmo enunciado, certo número de personagens. O semanticista trata o conceito de *polifonia* no nível linguístico indicando, por meio dele, uma possibilidade de desdobramento enunciativo no próprio enunciado, como explicitam Barbisan e Teixeira (2002).

Explanadas as diferentes nuances que o conceito de *polifonia* adquire em cada área, isto é, na música, na literatura e na linguística, acredito que o ponto de interseção das três concepções – a sobreposição de diferentes partituras, os vários personagens que tomam a palavra e os diferentes personagens colocados em cena pelo locutor no enunciado – resida na constatação da diferença, seja de partituras, personagens ou pontos de vista, seja na música, na literatura carnavalesca ou na constituição do sentido do enunciado/discurso; logo, na não unicidade do sujeito falante.

---

<sup>52</sup> Barbisan e Teixeira (2002), no artigo “Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot”, citam a obra *Logique, structure, énonciation* (1989) em que o semanticista afirma ter encontrado inspiração em Bally (1965) para sua teoria linguística da polifonia, mais precisamente na afirmação de que a língua é um instrumento que permite a comunicação de um pensamento pela palavra, quer dizer, na compreensão ducrotiana, que há a possibilidade de o pensamento comunicado não ser o do sujeito falante.

Como já dito, para Ducrot (1990), as diferentes funções discursivas que se apresentam no enunciado são: (1) *sujeito empírico* (SE) – o autor efetivo do enunciado, função externa à língua e, por isso, não considerada na descrição semântico-linguística; (2) *locutor* (L) – o responsável pela constituição do sentido no enunciado; e (3) *enunciador* (E) – a origem dos diferentes pontos de vista, mobilizados por L, que se mostram no enunciado. Reafirmados esses conceitos iniciais, elenco alguns argumentos para a integração da concepção polifônica do sentido às descrições semânticas de enunciados e discursos de uma dada língua.

Ducrot (1980, p. 44) defende que, para uma compreensão adequada da noção de *polifonia*, é preciso afastá-la da possibilidade de relatar, em um discurso, o discurso de um outro (em estilo direto ou indireto).

Não é suficiente, com efeito, para que se possa falar em polifonia, que ela seja a questão, em um discurso atribuído a um locutor L, de um discurso de uma outra pessoa L', pois a presença da fala de L' na de L pode revelar um simples discurso relatado, e isso exclui, segundo o que penso, a polifonia. (DUCROT, 1980, p. 44, tradução de Tânia Maris de Azevedo)<sup>53</sup>

A razão para a exclusão do discurso relatado, consoante Barbisan e Teixeira (2002, p. 168), é a de que o semanticista dedica-se a uma forma de polifonia que ocorre no nível dos enunciadores, não dos locutores. No exemplo (16), há a mobilização de dois locutores, ao passo que, na descrição polifônica de (17), as diferentes vozes (pontos de vista) são expressas pelos enunciadores.

(16) *O governo anunciou cortes na educação.*

De acordo com Ducrot (1980), temos um discurso relatado se o objetivo do locutor L é deixar as pessoas saberem o que L' disse quando interpretam o enunciado, e, nesse caso, L' é o tema do enunciado de L. No exemplo (16) L' (o governo) é qualificado pelo que disse, favorecendo continuações como: *O governo não tem compromisso com o povo*. A fala atribuída ao governo (L') é relatada por L para caracterizar L', e é sobre essa qualificação que se faz o encadeamento.

Por outro lado, pela concepção polifônica de Ducrot, na descrição de (17), temos a presença das seguintes vozes:

---

<sup>53</sup> Tradução de "Il ne suffit pas, en effet, pour que l'on puisse parler de polyphonie, qu'il soit question, dans le discours attribué à un locuteur L, d'un discours d'une autre personne L', car la présence de la parole de L' dans celle de L peut relever au simple discours rapporté, et cela exclut, selon moi, la polyphonie."

(17) *A direção suspendeu as aulas.*

E<sub>1</sub>: *há uma direção*

E<sub>2</sub>: *a direção tem autoridade para realizar suspensões*

E<sub>3</sub>: *a direção suspendeu as aulas*

Considerando que o sentido na Teoria da Polifonia decorre de dois fatores conjugados – da mobilização de diversos pontos de vista e da indicação da posição do *locutor* em relação a cada *enunciador* (DUCROT, 1990, p. 66) –, é preciso explicitar quais atitudes o *locutor* pode tomar em relação a cada enunciador. Ducrot (1990, p. 66) define três possíveis posições que o *locutor* pode adotar frente aos enunciadores: (1) identificação; (2) aprovação; e (3) recusa.

Nesse sentido, o locutor (L) pode, como na asserção (17), identificar-se com um dos enunciadores (E<sub>1</sub>, E<sub>2</sub>, E<sub>3</sub>). Nesse caso, a *identificação* do locutor com E<sub>3</sub> tem por objetivo defender o ponto de vista desse enunciador. Já a posição de *aprovação* indica que o locutor concorda com um dos enunciadores, mas não tem o objetivo de admitir o ponto de vista desse enunciador. E a terceira atitude, a *recusa*, refere-se à rejeição do ponto de vista de um dos enunciadores pelo locutor. Para mostrar as diferenças entre as possíveis atitudes do locutor, vejamos (18).

(18) *João não deixou o trabalho.*

A concepção polifônica de sentido indica, aqui, a presença de quatro enunciadores:

E<sub>1</sub>: *João tinha um trabalho em t<sub>1</sub>*<sup>54</sup>

E<sub>2</sub>: *João deixou o trabalho*

E<sub>3</sub>: *João não deixou o trabalho*

E<sub>4</sub>: *João tem um trabalho em t<sub>2</sub>*

O locutor *aprova* os pontos de vista do primeiro e do terceiro enunciador E<sub>1</sub> e E<sub>3</sub>; *rejeita* o ponto de vista do segundo, E<sub>2</sub>; e se *identifica* com o quarto enunciador, E<sub>4</sub>.

---

<sup>54</sup> Onde t<sub>1</sub> é a indicação de um tempo anterior ao fato objeto do enunciado e t<sub>2</sub> é o tempo posterior ao mesmo fato.

Outro aspecto acrescentado à concepção polifônica do sentido, orquestrado pela noção de *alteridade*, é a construção do *locutor* e do *alocutário* no discurso. Enquanto o *locutor* (L) é definido como o responsável pelo enunciado, o *alocutário* é o suposto destinatário da enunciação de L. Para Ducrot (1980, p. 35, tradução de Tânia Maris de Azevedo, inserção minha), “É essencial não confundi-lo [o alocutário] com os ouvintes, quer dizer, com as pessoas que, simplesmente, ouvem o discurso, nem mesmo com aqueles que o escutam atentamente.”<sup>55</sup>. A noção de *ouvinte*, para Ducrot (1980), é uma noção empírica e externa ao sentido: “[...] não há necessidade de compreender um discurso para saber quem é o ouvinte; é suficiente conhecer o entorno efetivo no qual o discurso tem lugar.” (DUCROT, 1980, p. 36, tradução de Tânia Maris de Azevedo)<sup>56</sup>.

Definir o conceito de *alocutário* é indispensável para a descrição semântica de um *enunciado*, ou seja, o *alocutário* pode reivindicar o direito reconhecido de fala às pessoas a quem o *locutor* se dirige. Em relação às figuras discursivas do *locutor* e *alocutário*, Barbisan (2012, p. 140, grifos da autora) mostra que “[...] o *locutor* constrói o sentido e esse sentido é resgatado pelo *alocutário* [...]”, fato que leva a pesquisadora a definir o papel da alteridade *locutor-alocutário*: “[...] a relação de *alteridade* entre *locutor* e *alocutário* conduz o *alocutário* a apreender o *sentido* escolhido pelo *locutor* e a responder-lhe a partir desse *sentido*.” (BARBISAN, 2012, p. 140, grifos da autora).

Para Ducrot (1980, p. 55), a inscrição da polifonia no interior da língua permite:

- a) não empobrecer a análise de textos – o que aconteceria se nós qualificássemos sistematicamente de anormais os enunciados compreensíveis somente pela polifonia;
- b) fornecer uma contribuição positiva – sugerindo explorar todas as possibilidades de leitura oferecidas pelas múltiplas identificações imagináveis pelos diferentes enunciadore e destinatários. (DUCROT, 1980, p. 55, tradução de Tânia Maris de Azevedo.)<sup>57</sup>

Admitindo esses pressupostos teóricos, Negroni e Tordesillas (2001, p. 28) reafirmam quatro consequências ao se assumir a concepção polifônica do sentido de Oswald Ducrot para uma descrição semântica: (1) romper com o axioma da unicidade do sujeito falante; (2) admitir que o autor de um enunciado nunca se expressa diretamente; (3) favorecer uma análise

<sup>55</sup> Tradução de "Il est essentiel de ne pas le confondre avec les auditeurs, c'est-à-dire avec les personnes qui, simplement, entendent le discours, ni même avec celles qui l'écoutent."

<sup>56</sup> Tradução de "il n'est pas besoin de comprendre un discours pour savoir qui en est auditeur; il suffit de connaître l'entourage effectif dans lequel le discours a lieu."

<sup>57</sup> Tradução de "a – de ne pas appauvrir l'analyse de textes – ce qui se produirait si l'on qualifiait systématiquement d'anormaux les énoncés compréhensibles seulement par polyphonie; b – de lui fournir un apport positif – en suggérant d'exploiter toutes les possibilités de lecture offertes par les multiples identifications imaginables pour les différents énonciateurs et destinataires."

semântico-vertical do enunciado<sup>58</sup>, concedendo a cada um dos componentes do enunciado uma autonomia enunciativa, objeto de um discurso possível; e (4) analisar o sentido de um enunciado como a descrição que esse enunciado dá de sua própria enunciação.

Até aqui acredito ter esclarecido os conceitos fundamentais da concepção polifônica do sentido e explicitado, a exemplo de Azevedo (2015), que o conceito de *alteridade* permeia a Teoria da Polifonia em, pelo menos, três momentos: (a) na definição dos conceitos de *locutor* e *enunciador*; (b) na explicitação das atitudes do locutor frente a cada enunciador, uma vez que *aceitar* é diferente de *assumir* e *recusar*; e (c) na descrição do sentido, com o confronto dos enunciadores com o locutor, mas, inclusive, das atitudes do locutor em relação a cada enunciador. Na sequência, passo a explicar e exemplificar alguns fenômenos semântico-discursivos descritos por Ducrot a partir de sua Teoria da Polifonia: a pressuposição e a negação.

Ducrot (2018, p. 44) considera que sua Teoria da Pressuposição não é muito original, pois, antes dele, outros linguistas já tinham dito que há, num certo número de *enunciados*, afirmações diferentes, princípio do fenômeno semântico-discursivo da *pressuposição*. Não obstante isso, dois fatos são citados pelo semanticista como sendo originais na forma como aborda e descreve a *pressuposição*:

[...] de um lado, eu estendi a noção a outros fatos que não aqueles dos quais fala Port-Royal, para lhe dar uma extensão bem superior, e, por outro lado, eu sustentei que se trata no posto e, no pressuposto, não de duas afirmações, mas de duas atitudes do locutor, atitudes distintas daquelas de informação e de afirmação. (DUCROT, 2018, p. 44)

Na obra *O dizer e o dito* (1987) de Ducrot, dois capítulos estão voltados a explicar a noção de *pressuposição*. O Capítulo I, *Pressupostos e Subentendidos: a hipótese de uma Semântica Linguística*, foi publicado originalmente em 1969 e, naquele momento, Ducrot dizia que o pressuposto era apresentado como uma evidência, como um elemento do universo do discurso, mas alertava: “[...] o pressuposto não pertence ao enunciado da mesma forma que o posto. Contudo, também ele lhe pertence – embora isso ocorra de um outro modo.” (DUCROT, 1987, p. 20). Nessa época, Ducrot, além de colocar o pressuposto em relação ao posto, também diferenciava o pressuposto do subentendido, dado apenas ilustrativo que não aprofundarei

---

<sup>58</sup> Em nota de rodapé, Negroni e Tordesilla (2001, p. 28) explicam que a análise semântico-vertical consiste em perceber que "Os enunciadores podem remeter a sujeitos diferentes, o que permite estratificar o sentido".

agora, uma vez que o semanticista já comprovava que o subentendido está num universo extradiscursivo.

A pressuposição não depende de uma reflexão de um usuário de língua, pois está inscrita no sistema linguístico. Por exemplo, quando o *locutor* atualiza *continuo estudando*, a ideia de que X estudava antes e de que X estuda agora está na significação de *continuar*, inscrita na língua, o usuário apenas atualiza essa ideia, não é a ação individual de um usuário de língua que cria uma pressuposição.

No que diz respeito ao Capítulo II da mesma obra, “Pressupostos e Subentendidos (Reexame)”, sua publicação ocorreu originalmente em 1977 como uma espécie de autocrítica ao texto de 1969. Nesse sentido, Ducrot, mantendo as indicações aqui citadas, acrescenta que a pressuposição pode ser definida pelo critério do *encadeamento*, o qual postula: se uma *frase* pressupõe X, quando o *enunciado* dessa *frase* é atualizado, o *locutor* encadeia a partir do *posto* e não do conteúdo *pressuposto*. O enunciado (19) pode ajudar a exemplificar essa questão.

(19) *Joaquim repetiu o treino.*

No nível da *frase* (da abstração, portanto), há a pressuposição de que Joaquim realizou um treino e, dada uma interrupção, fez o mesmo treino novamente. A descrição de *repetir* poderia ser parafraseada como *fazer em t<sub>1</sub>*, portanto *fazer novamente em t<sub>2</sub>*. No nível do *enunciado*, esse pressuposto *fazer em t<sub>1</sub>* é atualizado, mas a continuação do *discurso* estará orientada pelo posto *fazer novamente em t<sub>2</sub>*. Admitindo-se coerente a explicação dada na descrição polifônica do enunciado (19), descrevo a presença de dois enunciadores:

E1: *Joaquim realizou um treinamento*

E2: *Joaquim realizou novamente o treinamento*

O *locutor* aceita E1 e assume o ponto de vista de E2. E é esse jogo de atitudes do *locutor* diante de cada enunciador que constitui o sentido de (19), que não é o sentido de *continuar* ou de *renovar* o treino.

A consideração da pressuposição como inscrita na língua impõe certas possibilidades de continuar o discurso e restringe outras. Em (19), o *alocutário* poderia responder *sim* ou *não*, mantendo os pressupostos, mas estaria impedido de responder algo como: *portanto fez atividades novas*, sem rejeitar os pontos de vista apresentados.

O conceito de *pressuposição*, fundamentado pela noção de *atitude* do locutor frente a diferentes enunciadores, permite caracterizar todo enunciado negativo como um confronto de dois enunciadores. No primeiro capítulo da obra *Polifonía y Argumentación – conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso* (1990), Ducrot argumenta: “Direi que em um enunciado negativo não-P há pelo menos dois enunciadores: um primeiro enunciador E1 que expressa o ponto de vista representado por P, e um segundo enunciador E2 que apresenta uma recusa a esse ponto de vista.” (DUCROT, 1990, p. 23, tradução minha)<sup>59</sup>. Assim, o enunciado negativo é uma pequena peça de teatro que apresenta dois enunciadores em oposição um ao outro, de modo que pertence à essência da negação que decifremos nela uma afirmação do que é negado.

Até aqui espero ter, em primeiro lugar (sem que haja qualquer hierarquia nessa ordem), revalidado a percepção de Azevedo (2015) de que a *alteridade* permeia a Teoria da Polifonia em três dimensões: (a) na terminológica *locutor/enunciador*, quando um conceito só pode ser definido na sua relação com o outro; (b) na determinação das atitudes que o *locutor* pode adotar frente a cada *enunciador*, “[...] uma vez que *aceitar* se define por oposição a *recusar* e *assumir* [...]” (AZEVEDO, 2015, grifos da autora); e (c) na dimensão semântica, quando se admite que o *sentido* de um *enunciado* constrói-se pelo confronto dos *enunciadores* com o *locutor* e, também, das atitudes do *locutor* em relação a cada *enunciador*. Em segundo lugar, preparado o leitor para reconhecer que a *alteridade* constitui a Teoria da Polifonia em mais duas dimensões: (d) quando é tomado o *discurso* como objeto da descrição semântica e (e) quando se estuda a compreensão leitora em uma perspectiva semântico-argumentativa. No primeiro caso, a *alteridade* está na relação entre os enunciadores e entre os enunciados, o que singulariza a participação de cada *enunciado* no *discurso*, bem como a atitude do *locutor* frente a cada *enunciado* e da orientação que esta atitude impõe à continuidade do discurso. E no segundo caso, a *alteridade*, no momento da compreensão leitora, faz-se presente na relação *locutor / leitor-alocutário*.

Lembro que *alteridade* é o conceito central desta pesquisa, porque entendo a compreensão leitora do discurso como um processo em que o reconhecimento das relações constitutivas das partes dessa entidade semântica é fundamental para a compreensão do todo, como descrevo e explico mais adiante.

---

<sup>59</sup> Tradução minha de "Diré que en un enunciado negativo no-P hay por lo menos dos enunciadores: un primer enunciador E1 que expressa el punto de vista representado por P, y un segundo enunciador E2 que presenta un rechazo de ese punto de vista."

### 3.3 MÉTODO: SIMULAÇÃO E DEDUÇÃO

Falar em método na perspectiva ducrotiana é, antes de tudo, reafirmar a premissa saussuriana de que o objeto não está dado previamente e que a própria definição do objeto já indica um começo de descrição, porque “[...] implica pelo menos que os fatos observados tenham sido subsumidos a conceitos [...]” (DUCROT, 1987, p. 50).

O método proposto por Ducrot (1987) consiste na simulação, ou seja, na reprodução artificial de um fenômeno, de modo que “a realização natural do fenômeno contenha as mesmas etapas que devem ser explicitadas e diferenciadas em sua simulação.” (AZEVEDO, 2006, p. 125). Aqui, a tarefa que me proponho consiste em reproduzir artificialmente a (re)constituição do sentido do discurso pelo *leitor-alocutário*.

O método da simulação, por sua vez, exige a elaboração de dois tipos de hipótese: internas e externas. As *hipóteses externas*, como já descritas no Capítulo 2, “Semântica argumentativa: rupturas e aproximações”, são as teorias eleitas para fundamentar a proposta em construção. Já as *hipóteses internas* são as formalizações que constituem a Teoria criada para descrever e explicar um fenômeno.

No que diz respeito às hipóteses externas, pode-se perceber, pelo percurso teórico até aqui desenvolvido, que assumo a Semântica Argumentativa para descrever e explicar a (re)constituição do sentido pelo *leitor-alocutário*, mais pontualmente a noção de *valor argumentativo* e a Teoria da Polifonia com a premissa da multiplicidade de vozes presentes na constituição do sentido do discurso, além do princípio da alteridade platônica, central nesta tese. Especificamente da Teoria da Polifonia, tomo como hipóteses externas: (1) a existência de diferentes vozes em um enunciado mobilizadas por um locutor; e (2) o posicionamento do locutor frente cada ponto de vista mobilizado.

Quanto às hipóteses internas, a explicação que procuro exemplificar e justificar é a de que as atitudes que o locutor toma frente aos enunciadores por ele mobilizados constitui um jogo polifônico que, quando percebido, contribui para o desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora. Para chegar a essa constatação, amparada também pelo *Modelo teórico-metodológico para a descrição semântico-argumentativa do discurso*, de Tânia Azevedo (AZEVEDO, 2006) (como outra hipótese externa), faço a descrição polifônica de dois discursos, exemplos selecionados para esta pesquisa. Após a explicitação dos pontos de vista postos e pressupostos no discurso, mostro como o locutor se posiciona frente cada enunciador.

Concluída a etapa da descrição polifônica, trago, no próximo capítulo, algumas questões que, acredito, possam contribuir para o *leitor-alocutário* perceber o jogo polifônico do sentido do discurso, qualificando sua leitura.

## 4 COMPREENSÃO LEITORA: PROCESSO DE ANÁLISE E SÍNTESE

*Se podes olhar, vê.  
Se poder ver, repara.*

**José Saramago**

Neste capítulo, como anunciei na Introdução, almejo lançar um olhar para além da Teoria, mostrando como o jogo polifônico orienta a reconstituição do sentido do discurso. Para que eu possa olhar para além da Teoria, necessito, antes, não apenas (re)ver determinados conceitos, mas também reparar algumas nuances que permitem singularizá-los. Logo, os objetivos deste tópico são: (1) identificar as propriedades do *enunciado*; (2) caracterizar o *discurso*; (3) forjar o *discurso* como um *sistema-ambiente*; (4) aproximar a Semântica Argumentativa da *compreensão leitora*; e (5) instaurar a figura discursiva do *leitor-alocutário*.

### 4.1 DESCRIÇÃO SEMÂNTICA: DO ENUNCIADO AO DISCURSO

Para muitos, pode parecer estranho o objetivo que propus para esta pesquisa – investigar como a Teoria da Polifonia, de Oswald Ducrot, contribui para o processo de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor entender o *sentido* de um *discurso* como um jogo de alteridade locutor-enunciadores –, porque alia a Semântica Argumentativa ao estudo do *discurso*, enquanto Ducrot concentra seus estudos em *enunciados*. Pois bem, assim como Azevedo (2006), acredito que a Semântica Argumentativa pode dar conta da descrição e explicação do sentido do *discurso*, entidade complexa.

Ducrot, ainda no início do desenvolvimento de sua Teoria, demonstrando extrema lucidez sobre essa questão, propõe que

a clivagem terminológica estabelecida entre a *frase* e o *texto*, por um lado, o *enunciado* e o *discurso*, por outro, não se deve apenas ao facto de serem realidades diferentes; trata-se, além disso, de realidades que de um ponto de vista importante (o ponto de vista semântico), se comportam de modo totalmente diferente [...]. (DUCROT, 1984, p. 372, grifos meus)

Essa ideia me permite afirmar que a distinção entre *enunciado* e *discurso* não permanece na Teoria apenas no nível da terminologia, mas já aponta para o fato de o *sentido* não se constituir da mesma maneira em enunciados e em discursos. Azevedo (2006) propõe um conjunto de hipóteses internas que, para a pesquisadora, constituem a expansão de

conceitos desenvolvidos pela TAL que viabilizam a descrição semântica de entidades complexas, como o *discurso*. A primeira hipótese elaborada por Azevedo (2006), isto é, a HI1, segundo a qual *a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) fornece mecanismos para a descrição de entidades linguísticas complexas como o texto e o discurso*, é justificada por meio de conceitos como *encadeamento argumentativo-bloco semântico*. A semanticista explica que a partir da elaboração da Teoria dos Blocos Semânticos, o *encadeamento argumentativo* é visto como a inter-relação semântica dos segmentos *argumento* e *conclusão*, a realização de uma entidade indivisível, o *bloco semântico*. E sintetiza “[...] acredito que o *discurso* realize linguisticamente um *texto*, entidade abstrata e que poderia ser traduzida em um bloco semântico.” (AZEVEDO, 2006, p. 137).

Já o conceito de *polifonia*, e a concepção polifônica de sentido, é tomado por Azevedo (2006) como o segundo grande conceito da TAL capaz de instrumentalizar a proposta de descrição semântica de discursos. Para a autora, a concepção polifônica possibilita descobrir os enunciadores e, principalmente, o ponto de vista com o qual o locutor do discurso se identifica, isto é, o encadeamento argumentativo subjacente a esse ponto de vista e, por abstração, o bloco semântico atualizado pelo discurso.

A aliança dos conceitos de *encadeamento argumentativo-bloco semântico* e *polifonia* para a descrição semântica do discurso viabiliza a HI2: *o valor semântico do texto, enquanto entidade abstrata subjacente aos discursos produzidos, pode ser descrito em termos de bloco, a partir do valor semântico dos discursos que realizam o texto, isto é, desde os encadeamentos argumentativos que atualizam os blocos semânticos previstos no sistema linguístico*. Tal hipótese traz como implicações: a necessidade de se considerar que não é pela descrição de cada enunciado do discurso que se chega ao sentido dessa entidade complexa; a ordem em que são dispostos os enunciados num discurso é portadora de sentido; um enunciado posterior no discurso pode impor uma reinterpretação aos enunciados antecedentes. Diante dessas implicações, Azevedo (2006, p. 143) conclui: “[...] o sentido de um encadeamento complexo como o discurso se faz pela interdependência dos segmentos (no caso, os subencadeamentos) que o compõem, e essa interdependência reconfigura, redimensiona constantemente o sentido dos segmentos e o do encadeamento global.”.

Retomando os conceitos de *encadeamento argumentativo-bloco semântico*, já desenvolvidos na HI1, a semanticista traz a HI3 – *o texto é um bloco semântico (como tal, inscrito no sistema linguístico) realizado pelo encadeamento argumentativo complexo, o discurso* – subdividida em HI3.1: *o discurso, como encadeamento argumentativo complexo, é composto de subencadeamentos, estes igualmente argumentativos, já que compreendidos*

como a inter-relação semântica de um segmento-argumento e um segmento-conclusão; e HI3.2: o encadeamento argumentativo que expressa o sentido global do discurso expressa igualmente o ponto de vista (o enunciador) assumido pelo locutor desse discurso. Para a pesquisadora, é possível descrever a significação dos textos de uma língua por meio da noção de *bloco semântico*, no entanto, como indica a HI3.1, a complexidade do discurso dá-se, justamente, por ser composto de encadeamentos menores que, ao se encadearem, revelam a totalidade do sentido do discurso. Tais encadeamentos menores, os subencadeamentos, contribuem para conferir sentido ao discurso como uma unidade semântica e, por fim, expressar o ponto de vista assumido pelo locutor.

Uma última hipótese interna ainda é apresentada por Azevedo (2006), a HI4: *a segmentação do discurso em subencadeamentos é feita com base na condição de que os subencadeamentos assim se configurem por contribuírem para a constituição e conseqüente interconexão dos segmentos argumento e conclusão os quais formam o encadeamento argumentativo complexo que expressa o sentido global do discurso* – ou seja, o reconhecimento de que um subencadeamento ocorre pela contribuição à formação de um dos segmentos do encadeamento global ou para a sua interconexão. Tendo extensão variável, não pode ser determinado de antemão, sendo definido por oposição ao encadeamento global.

Acredito que Ducrot, propondo uma teoria semântica, a Teoria da Argumentação na Língua, tenha julgado adequado e suficiente, para exemplificar suas teses, permanecer no nível do *enunciado*, como entidade do nível simples da realização linguística (Cf. DUCROT, 1984), porém, em nenhum momento, nas obras a que tive acesso, o semanticista inviabilizou a descrição semântica do discurso. Tanto que em Ducrot (2018), a TAL, segundo ele, não para no *enunciado* – sendo que, ao descrever as possibilidades que o *enunciado* oferece ao *discurso*, já se poderia falar em uma linguística do *discurso* –, e conclui: “Para nós, descrever a língua é descrever o que ela impõe ao discurso.” (DUCROT, 2018, p. 40).

Considerando pertinente a justificativa dada, volto-me à descrição semântica do discurso. A primeira tarefa a ser realizada é explicar o que Ducrot classifica como *discurso*. O verbete *enunciação*, da Enciclopédia EINAUDI (DUCROT, 1984), aprofunda a distinção terminológica entre *enunciado* e *discurso*, como já considerado no Capítulo 3, “Teoria da Polifonia: vozes e sentido”, e justificado aqui. Destaco, no entanto, que, para o semanticista, uma ocorrência de signos constitui um só *enunciado* quando implica, por parte do *locutor*, um só ato de *enunciação*. Por outro lado, Azevedo (2006) elucida que o *discurso* não é definido somente por apresentar vários *enunciados*, mas também por esses *enunciados* manterem entre si uma interdependência tal que se apoiem uns nos outros, formando um todo de sentido.

Uma das hipóteses externas, fundamentada em Azevedo (2006), defende que os enunciados de um *discurso* não apresentam apenas uma relação de interdependência, mas também uma relação de *alteridade*, tendo em vista que cada um só adquire sua singularidade, identidade, seu sentido na e pela presença do outro, ou dos outros enunciados. Assim, descrever semanticamente um *discurso* significa, inicialmente, reconhecer seus enunciados, elucidar as vozes presentes em cada unidade constituinte e como cada enunciado é singularizado na e pela existência dos outros, ou seja, expressa um processo de análise, na linguagem semântica, ou um *reparar*, na linguagem poética de Saramago apresentada na epígrafe deste capítulo.

Para segmentar um *discurso* em enunciados, reconheço a necessidade de aprofundar as propriedades do *enunciado*, a fim de desenvolver a capacidade de identificá-los. Desde essa perspectiva, constatei nas obras estudadas algumas propriedades que julgo pertinentes para a identificação, segmentação e apresentação de um *discurso* em enunciados, visto que, para Ducrot (1970, p. 25), “[...] a aparência linear do enunciado é uma armadilha e [...] cumpre descobrir, por trás dela, uma 'construção', um plano.”. Esclareço que não pretendo fazer uma exposição total das características do enunciado, tendo em vista não ser esse o objetivo da pesquisa. Por isso, apenas selecionei aquelas que julguei mais representativas para esta discussão, indicando a obra que as apresenta, conforme o Quadro 6, com o intuito de ilustrar o percurso intelectual do semanticista ao longo do desenvolvimento da Teoria, para caracterizar essa entidade linguística.

Quadro 6 – Síntese das propriedades do *enunciado*

Quanto à realização	<ul style="list-style-type: none"> <li>• é empregado em diferentes situações, produzindo diferentes sentidos (DUCROT, 1977);</li> <li>• é a realização de uma frase (DUCROT, 1984);</li> <li>• é, ou pode ser, um segmento de discurso (DUCROT, 1989);</li> <li>• é irrepetível (DUCROT, 1989);</li> <li>• todo sujeito falante é capaz de atribuir a um enunciado um sentido (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994).</li> </ul>
Quanto à apresentação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• a situação de cada palavra no <i>enunciado</i> é regida pelos termos coexistentes (DUCROT, 1970);</li> <li>• o linguista não encontra logo à primeira vista os enunciados de que um discurso é feiro; uma pesquisa se faz necessária para reconhecê-los, constituindo a etapa mais difícil e mais decisiva do trabalho de descrição (DUCROT, 1970);</li> <li>• dá-se aos enunciados o número de leituras e a estrutura sintática que melhor favorecer a descrição semântica (DUCROT, 1977).</li> </ul>
Em relação ao sentido	<ul style="list-style-type: none"> <li>• contém uma caracterização da <i>enunciação</i> (DUCROT, 1984);</li> <li>• é calculado (DUCROT, 1980);</li> <li>• é uma abordagem explicativa, é a busca do por que o <i>enunciado</i> foi produzido (DUCROT, 1980);</li> <li>• o primeiro elemento do <i>sentido</i> de um <i>enunciado</i> é a apresentação dos pontos de vista dos diferentes <i>enunciadores</i> (DUCROT, 1990);</li> <li>• o segundo elemento do <i>sentido</i> é a indicação da posição do <i>locutor</i> em relação aos <i>enunciadores</i> (DUCROT, 1990);</li> <li>• o sentido global do <i>enunciado</i> não pode ser considerado a soma das <i>significações</i>, mesmo contextuais, das diferentes palavras (DUCROT, 1987).</li> </ul>

Fonte: Elaborado por mim.

Na sequência, teço algumas considerações acerca das propriedades elencadas no Quadro 6. No que se refere à *realização de um enunciado*, creio poder afirmar que tais propriedades singularizam o princípio mais fundamental da enunciação, a *construção do sentido*, ou seja, que todo *enunciado* é atualizado por um *locutor* com vistas à produção de um *sentido* em função de uma demanda social que lhe é colocada. As duas linhas seguintes, parecem-me as mais reveladoras das propriedades do *enunciado*, visto serem muito menos exploradas nas obras do autor e mesmo de outros semanticistas.

Quanto à *apresentação do enunciado*, Ducrot retoma os próprios princípios saussurianos elencados para a definição do objeto da Linguística, a saber: um campo em que os objetos não são dados previamente, podendo ser considerados desde vários pontos de vista (SAUSSURE, 2006, p. 15); o princípio do *valor* saussuriano é reafirmado quando o semanticista indica que a atualização de cada palavra no enunciado é determinada pelas demais atualizações, ou, nas palavras saussurianas: “Seu conteúdo [da palavra] só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação, mas também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente.” (SAUSSURE, 2006, p. 134).

As propriedades destacadas no Quadro 6 reafirmam que o *sentido* – valor semântico do *enunciado* – constitui uma descrição explicativa do linguista, muito mais complexa do que a *significação* das palavras em particular. A descrição dos pontos de vista atualizados no enunciado e a posição que o locutor assume frente a cada enunciador constituem o sentido do enunciado. Espero ter, até aqui, respondido ao primeiro dos objetivos proposto para este capítulo, o de identificar as propriedades do *enunciado*.

Feitas as devidas considerações e explicações acerca do *enunciado*, penso estar autorizada a situar o leitor no domínio das *unidades complexas de sentido*, neste caso, o *discurso*. Cabe-me alertar que são poucas as propriedades do *discurso* explicitadas, ou sequer indicadas por Ducrot, ao longo de suas reflexões; fato que Azevedo (2006, p. 63, grifos da autora) constata e assim se posiciona: “São raras, ao longo da Teoria, as observações feitas por seus autores sobre os conceitos de *texto* e *discurso*.”. A pesquisadora justifica que apesar da escassez de reflexões aos conceitos, é possível afirmar que na perspectiva da TAL *texto* e *discurso* estão situados no nível complexo da realização linguística. O primeiro, entendido como uma sequência de frases interligadas, uma entidade abstrata, teórica, e o segundo, como a manifestação do *texto*, entidade concreta constituída na inter-relação de dois ou mais enunciados. (AZEVEDO, 2006). O Quadro 7 apresenta as principais características do discurso pela ótica ducrotiana.

Quadro 7 – Síntese da concepção ducrotiana do *discurso*

<b>Quanto à realização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• supõe ser objeto de uma única escolha, cujo fim já é previsto no momento em que elabora o começo. (DUCROT, 1987).</li> </ul>
<b>Quanto à apresentação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• a ordem, segundo a qual os enunciados aparecem na organização do discurso, possui valor semântico (DUCROT, 1984);</li> <li>• apresenta-se como uma sucessão de segmentos em que cada um corresponde a uma escolha relativamente autônoma em relação à escolha dos outros. (DUCROT, 1987);</li> </ul>
<b>Quanto ao sentido</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• certos morfemas devem ser descritos no nível dos enunciados indicando-se o tipo particular de sua relação com a enunciação. (DUCROT, 1977);</li> <li>• a reunião de vários enunciados serve para sugerir ou impor conclusões que pertencem ao discurso na sua totalidade e a nenhum dos enunciados em particular (DUCROT, 1984);</li> <li>• para compreender a coerência interna do discurso, é preciso ver que ele é, em pontos bem precisos, voltados sobre si mesmo e que tira conclusões de sua própria existência (DUCROT, 1984);</li> <li>• a compreensão de um discurso não leva em consideração somente as indicações que o discurso traz, mas também as manobras que ele obriga o alocutário a percorrer e os caminhos que faz o alocutário seguir. (DUCROT, 1980)</li> </ul>

Fonte: Elaborado por mim.

A pouca referência ducrotiana ao *discurso*, não me parece ser um dado que permita a afirmação de que Ducrot não tenha se voltado ao *discurso*, como já sustentei nesta pesquisa. Por outro lado, creio que autorize a elaboração de algumas construções epistemológicas, como as produzidas por Azevedo (2006), quando a autora propõe ampliar e redimensionar os postulados, os conceitos e as formas de análise da Semântica Argumentativa, possibilitando a descrição do sentido de unidades complexas, o *texto* e o *discurso*. O Modelo proposto pela semanticista associa conceitos desenvolvidos na versão dos Blocos Semânticos e na Teoria da Polifonia (respectivamente, *encadeamento argumentativo-bloco semântico* e *enunciador e locutor*) a fim de mostrar que o discurso mobiliza enunciados relacionados de forma não linear, ou seja, em que um enunciado posterior pode impor uma reinterpretação, como propõe Negroni (2000)<sup>60</sup>, aos enunciados que o antecedem.

Considerando-se, então, que o sentido do discurso decorre da interdependência dos segmentos que o compõem, é preciso reconhecer que a compreensão do discurso escrito, objeto desta investigação, não acontece de forma transparente, mas depende da participação e da disposição do leitor em percorrer os caminhos semânticos construídos no e pelo discurso.

Para que eu possa desenvolver este argumento em uma perspectiva coerente com os postulados da Semântica Argumentativa – estudar a língua nela e por ela mesma –, retomo as figuras discursivas *locutor*, responsável pela atualização do *discurso*, e *enunciador*, isto é, origem dos diferentes pontos de vista mobilizados pelo *locutor*. Acredito, no entanto, que a realização do discurso permite-me responder a mais um dos objetivos aqui propostos: instaurar a figura discursiva do *leitor-alocutário*.

Para mim, sendo o *leitor* aquele que percebe a trama de relações que permeia a constituição do sentido (AZEVEDO, 2016a) para chegar ao conteúdo temático do discurso lido e o *alocutário*, a figura discursiva autorizada pelo *locutor* a participar do *discurso* (DUCROT, 1980), o *leitor-alocutário* é a figura do discurso escrito que exerce um potencial orientador na constituição do sentido desse discurso pelo *locutor*, deve ser capaz de: (1) identificar os pontos de vista mobilizados pelo locutor no discurso; (2) indicar a posição do *locutor* frente aos enunciadores atualizados; e, assim, (3) participar da construção do sentido do discurso quando o lê.

---

<sup>60</sup> Acerca de los fenómenos de relectura y reinterpretación en el discurso”, *Revista iberoamericana de discurso y sociedad*, 2000, vol. 2, n°4, p. 89-108.

Creio que o exemplo (20) possa contribuir para situar tais conceitos de *leitor*, *alocutário*, e *leitor-alocutário*. Tomo a situação comum do enunciado

(20) *É proibido fumar*

afixado em diferentes lugares fechados públicos ou não. Tal enunciado, apesar da recorrência, é sempre irrepetível, pois sua enunciação institui um *aqui* e um *agora* únicos. O *locutor* que atualiza o *enunciado*, seleciona-o dentre outras frases previstas na língua, como: *não fume aqui; é proibido fumar neste local; por favor, não fume* etc. Ao atualizar (20) *é proibido fumar*, o *locutor* mobiliza dois enunciadores: um primeiro *enunciador* E<sub>1</sub>, *fume*, e um segundo *enunciador* E<sub>2</sub>, *não fume*. O *locutor* rejeita E<sub>1</sub> e assume E<sub>2</sub>. Ao *leitor* cabe compreender o sentido desse enunciado. O *alocutário* deve perceber a restrição de uma ação – fumar. Já o *leitor-alocutário*, como o concebo, deve compreender o enunciado por perceber o jogo polifônico mobilizado pelo *locutor*.

Espero ter deixado claro que estou tratando o *leitor-alocutário* como uma figura discursiva do *discurso escrito* (portanto, não como um sujeito de carne e osso), cuja principal característica é apreender a trama polifônica mobilizada pelo *locutor*; passa ter existência na e pela (re)constituição do *sentido* atualizado pelo *locutor*. Penso que tal formulação esteja coerente com a indicação de Teixeira (2005, p. 199): “Conceber a leitura como um fenômeno enunciativo é concebê-la como um ato do sujeito-leitor, mediante o qual ele estabelece uma relação com o texto para produzir sentido no momento da leitura.”.

Considerando coerente e aprovada a instalação da figura discursiva *leitor-alocutário*, prossigo com minhas reflexões a fim de dar conta de mais um dos objetivos almejados: forjar o *discurso* como um *sistema-ambiente*.

Quanto à apresentação, quer do *discurso*, quer do *enunciado*, entendo que a organização sintática e lexical é atualizada por um *locutor*, que considere a *língua* como um *sistema* com suas regulações (possibilidades e restrições), e o *discurso* em si, com seu objetivo, suas manobras e seus vazios a serem preenchidos.

Antes de prosseguir, parece-me imprescindível para que seja possível compreender o conceito de *sistema-ambiente* como essencialmente discursivo, resgatar a diferenciação ducrotiana entre *texto* e *discurso*. Ducrot (1984) afirma que *discurso* é a realização de uma entidade abstrata; uma sequência de enunciados ligados entre si. Enquanto *texto* designa uma entidade abstrata, portanto, uma construção do linguista, que não possui *a priori* uma estrutura

semântica definida, para o semanticista “Nenhuma estrutura é, pois, definível antes do discurso.” (DUCROT, 1984, p. 378).

A partir dessa diferenciação, o *discurso* pode ser concebido como um *sistema-ambiente*, quer dizer, como *sistema* quando considerado como unidade semântica, a partir das relações que se estabelecem entre os enunciados para lhe construir o *sentido*; e como *ambiente*, quando examinado a partir da organização e da orientação de que o primeiro enunciado do discurso deve ser considerado como um elemento da situação para a constituição do sentido do segundo enunciado quando, por exemplo, o discurso reunir dois enunciados. Quando o locutor mobiliza um número maior de enunciados, é preciso ponderar que a relação dos enunciados não ocorre de forma linear e sucessiva, um enunciado depois do outro, mas uma sequência de enunciados pode ser redimensionada em seu valor semântico, em virtude de um único enunciado mobilizado pelo locutor, por exemplo. O importante é reafirmar que o *ambiente*, como o concebo aqui, diz respeito unicamente à organização do discurso.

Aliás, tal formulação me parece já autorizada por Ducrot (1987) quando, em “Estruturalismo, enunciação e semântica”<sup>61</sup>, para diferenciar a *significação da frase* e o *sentido* de um *enunciado*, o semanticista formula a seguinte reflexão: “A significação de um enunciado<sup>62</sup>, aos olhos da linguística, consistiria, então, numa espécie de representação condensada das associações de que ele é suscetível no uso (indicando quais são os seus ambientes e que outros enunciados têm os mesmos ambientes que eles).” (DUCROT, 1987, p. 70). Ora, o que poderia representar o ambiente de um *enunciado* a não ser o *discurso* do qual faz parte? Na mesma obra, no capítulo cinco, “As leis do discurso”<sup>63</sup>, Ducrot, ao propor que a descrição do *sentido* não é previsível unicamente a partir da *significação da frase* atualizada, argumenta: “De início, tem a ver com o fato de que o valor referencial do enunciado e, por consequência, as informações que ele dá, dependem do ambiente no qual ele é empregado – já que é o ambiente que permite dar um referente às expressões dêiticas [...]” (DUCROT, 1987, p. 90).

Para justificar e exemplificar o conceito de *sistema-ambiente*, apresento o discurso (21).

<sup>61</sup> A menção se refere ao quarto capítulo da obra *O dizer e o dito* (1987), o qual foi publicado originalmente em 1978, conforme informação em nota de rodapé.

<sup>62</sup> Em 1978, data original dessa publicação, Ducrot não diferenciava *frase* e *enunciado*.

<sup>63</sup> Da obra *O dizer e o dito* (1987), originalmente, publicado em 1979, de acordo com informação em nota de rodapé.

(21) *Se a Venezuela não tivesse grandes reservas de petróleo, seria apenas mais um desses países para os quais ninguém manda ajuda humanitária.*

e valho-me do fragmento “desses países” para exemplificar o fato de o *discurso* tornar-se o próprio referente. Assim, para que o leitor demonstre proficiência na compreensão desse discurso, ele deve, necessariamente, compreender que “desses países” está em oposição a Venezuela porque: (a) são países que não têm reservas de petróleo; e (b) são países que não recebem ajuda humanitária, enquanto a Venezuela tem reservas de petróleo e recebe ajuda humanitária. Tal oposição está construída no interior do próprio *discurso* e não apenas pelas imposições da *língua* como *sistema*, que regula, por exemplo, o uso de “esses” para retomar algo que já foi indicado no texto. Com essa reflexão, espero ter demonstrado que é o ambiente do *discurso*, logo, o *discurso-ambiente* e sua organização peculiar que potencializa a elaboração de um grande número de leituras, mas não de qualquer leitura.

Passo agora à terceira categoria eleita para caracterizar o *discurso*: o *sentido*. Concebo o sentido, no âmbito desta pesquisa, como uma trama de relações entre pontos de vista postos e pressupostos que permeiam (AZEVEDO, 2016a) a realidade semântica fundamental, que consiste na única realidade almejada quer pelo linguista, quer pelo *locutor*, uma vez que permite sintetizar o porquê da atualização do discurso. Espero, assim, responder ao último objetivo que propus para este capítulo: aproximar a Semântica Argumentativa da *compreensão leitora*. Julgo que essa categoria, o *sentido do discurso*, autoriza-me responder a esse objetivo específico da pesquisa, tendo em vista ser o *sentido* o ponto de intersecção desses dois objetos de estudo. Antes de traçar minhas considerações, farei um sobrevoo sobre algumas concepções de *leitura*, o que me permitirá fazer um levantamento de concepções de leitura já elaboradas e justificadas, para vislumbrar uma perspectiva enunciativa de leitura com base na Semântica Argumentativa.

#### **4.1.1 Leitura: olhar enunciativo-argumentativo**

Falar em leitura – em ensino e aprendizagem de leitura – é, sem dúvida colocar-se num contexto complexo. Complexidade que surge não só da amplitude de áreas voltadas para a leitura, como a educação, a filosofia, a linguística etc. mas também do empoderamento concedido pela leitura nas sociedades letradas.

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. (SOLÉ, 1998, p. 18).

Essa complexidade nasce da diversidade de olhares para o processo de leitura: como memorização de signos, aquisição, processo neurofisiológico etc., ou ainda da tomada de consciência relatada por Solé (1998), segundo a qual, sabemos ainda muito pouco sobre processo de leitura e seu ensino, apesar das diversas pesquisas efetuadas.

É no modo como a linguística tem “olhado” o processo da *leitura* que vou circunscrever minhas ponderações, mais especificamente, no olhar da linguística da enunciação, porque, segundo Azevedo (2019a), “[...] poucos são, ainda, os estudos enunciativos do processo de ler e, menos ainda, da aprendizagem – e, conseqüentemente, do ensino – da leitura.”. Nesse momento, como indiquei na Introdução deste estudo, explico como a Teoria da Polifonia contribui para o processo de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, e não sobre o ensino e a aprendizagem de *leitura*.

Quanto ao conceito de *leitura*, parece-me um avanço das pesquisas contemporâneas sustentar que sua concepção decorre de outras, como as de *sujeito*, *língua*, *texto* e *sentido*<sup>64</sup>, as quais são tomadas como conceitos basilares. Considerando tudo o que já foi dito nesta pesquisa acerca de *sujeito*, *língua*, *discurso* e *sentido*, em uma perspectiva semântico-discursiva, a concepção de *leitura* que sustenta minha pesquisa reafirma esses conceitos fundamentais.

Em uma perspectiva semântico-discursiva, sinto-me autorizada a reafirmar o conceito de *leitura* de Azevedo (2016b) como um processo de (re)constituição de sentido, ou seja, uma sequência de ações, de habilidades mobilizadas para que o *sentido* do *discurso* possa ser (re)constituído. Não falo de uma série de atividades executadas ordenadamente, que resultaria em uma espécie de arranjo de informações, lembrando uma atividade mecânica, mas do desenvolvimento contínuo e ininterrupto de habilidades, a fim de (re)constituir o sentido na e pela leitura do discurso escrito.

Azevedo (2016b) afirma que o ato de (re)constituição de sentido de um discurso é composto por três níveis ordenada e hierarquicamente dispostos, como ilustra o Quadro 8.

---

<sup>64</sup> Indicações de Koch e Elias (2014).

Quadro 8 – Níveis do ato de constituição do sentido conforme Azevedo (2016b)

DECODIFICAÇÃO	COMPREENSÃO		INTERPRETAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>reconhecimento do código escrito;</li> <li>decifração;</li> <li>combinação de letras em palavras e em enunciados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>constituição do sentido das inter-relações das unidades de composição do discurso e do discurso como uma totalidade semântico-enunciativa. Subdivide-se em:</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>estabelecimento das relações entre o conteúdo temático do discurso e os contextos de produção e de recepção desse discurso.</li> </ul>
	POR ANÁLISE	POR SÍNTESE	
	decomposição da totalidade semântica (discurso) em partes (enunciados, palavras) para examinar cada parte e verificar as relações que mantêm umas com as outras, a fim de compreender o todo.	recomposição da unidade do discurso pela constituição das inter-relações semânticas, previamente compreendidas por análise.	

Fonte: Elaborado por mim, a partir de Azevedo (2016b, p. 75-76)

Relembro, caro leitor, as indicações de Azevedo (2016b) quando alerta que o processo de leitura decorre da proficiência nos três níveis, no entanto, o objeto desta pesquisa concentra-se no nível da compreensão leitora, mais especificamente, no nível da compreensão leitora analítica, pois, também consoante Azevedo (2019a), a Teoria da Polifonia (TP), base teórica desta investigação, pode contribuir significativamente para a potencialização e otimização dessa habilidade. Eis, aqui, o objetivo que proponho alcançar nesta pesquisa ao investigar como a Teoria da Polifonia, de Oswald Ducrot, contribui para o processo de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor entender o *sentido* de um *discurso* como um jogo de alteridade locutor-enunciadores.

Entendo que a divisão do processo de leitura em níveis e o recorte deste estudo, cujo enfoque concentra-se na compreensão leitora analítica, esteja permitida por pesquisas como as de Jolibert (1994, p. 15), segundo a qual, a leitura “[...] nada tem a ver com uma decifração linear e regular, que parte da primeira palavra da primeira linha para chegar à última palavra da última linha [...]”, ou as de Solé (1998, p. 24) quando afirma que “[...] para ler, é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão [...]”, e conclui asseverando: “O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto [...]” (SOLÉ, 1998, p. 32).

Considerando coerente e aceita a divisão do processo de leitura em habilidades sistemáticas e sucessivamente organizadas, penso ser necessário ainda apresentar o que estou

delimitando ao me referir à compreensão leitora e justificar por que a Teoria da Polifonia dá conta de sustentar teoricamente o desenvolvimento dessa habilidade linguística.

#### 4.1.2 Compreensão leitora analítica: vozes que se inter-relacionam

Este estudo pretende apresentar um entendimento de *compreensão leitora* que se afasta radicalmente do que Solé (1998, p. 35) referiu sobre essa habilidade: “[...] o trabalho de leitura costuma se restringir àquilo que se relatou: ler o texto e, a seguir, responder algumas perguntas sobre ele, geralmente referentes a detalhes ou a aspectos concretos.”. Constatação essa que deixa a compreensão leitora como sinônimo de atividades de identificação e repetição das informações explicitadas no discurso.

Penso que a *compreensão leitora analítica* é a habilidade que exige um grande esforço do *leitor-alocutário*, pois não é uma habilidade mecânica ou automática, mas uma habilidade que está sempre em renovação e aperfeiçoamento a cada nova aplicação, tendo em vista que o sentido é sempre único e irrepetível.

Para Colomer e Camps (2002, p. 74), “As atividades analíticas são imprescindíveis para a aprendizagem consciente da linguagem [...]”, já que a análise possibilita verificar como as inter-relações entre os enunciados, por exemplo, explicitam a mobilização de uma conjunção em detrimento de outras. Em outras palavras, Smith (1989) defende que sendo a leitura uma questão de dar sentido a um discurso escrito, é preciso estar consciente de que existem mais leituras do que os olhos leem, pois o “significado<sup>65</sup> real sempre está além das palavras.” (SMITH, 1989, p. 43), o que confirma que os pontos de vista pressupostos contribuem para a constituição do sentido do discurso.

Até aqui, penso ter elucidado o motivo pelo qual elegi a Teoria da Polifonia como aporte teórico para potencializar o desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora analítica, visto que a descrição semântica dos pontos de vista mobilizados pelo *locutor*, assim como da atitude que toma em relação a cada um, permite ao *leitor-alocutário* perceber a trama polifônica que constitui o sentido do discurso, revelando como os pontos de vista mobilizados pelo *locutor*, quando assumidos, indicam possíveis continuações e impedem outras, seja na constituição do sentido pelo *locutor*, seja na (re)constituição do *sentido* pelo *leitor-alocutário*.

---

<sup>65</sup> Entendido aqui como *sentido* na perspectiva da TAL.

Reafirmo que no que tange à descrição semântica do discurso, Azevedo (2006) ao propor o *Modelo teórico-metodológico para a descrição semântico-argumentativa do discurso* tem, no mínimo, dois objetivos. Um, em nível teórico, que consiste em

ampliar e/ou redimensionar os postulados, os conceitos e as formas de análise da Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombe e Marion Carel (destinados pelos teóricos à descrição semântica de frases e enunciados), de modo a que dêem conta da descrição do sentido de unidades mais complexas como o texto e o discurso. (AZEVEDO, 2006, p. 13).

Isso porque, mesmo que a Semântica Argumentativa teorize sobre a existência do discurso, entidade complexa, “sequência de enunciados apoiando-se uns nos outros” (DUCROT, 1984, p. 373), seus fundadores restringem suas análises – voltadas a comprovar os fundamentos da Teoria – a enunciados e palavras, entidades de nível simples, como já expus neste estudo, no capítulo dois.

Um outro objetivo do Modelo de Azevedo (2006) – fruto da experiência docente da autora no ensino de língua materna, que reconhece a “imensa dificuldade que os alunos têm de compreender e de produzir discursos cuja unidade semântica seja devidamente entendida e/ou expressa.” (AZEVEDO, 2006, p. 14) – refere-se à apresentação de uma ferramenta linguístico-pedagógica para auxiliar os usuários de língua a se tornarem proficientes, como produtores de discursos e/ou como leitores de discursos produzidos.

A seguir, no Quadro 9, transcrevo as hipóteses externas e internas do Modelo teórico-metodológico para a descrição semântico-argumentativa do discurso (MDSAD).

Quadro 9 – Transcrição das hipóteses internas e externas do MDSAD

HIPÓTESES EXTERNAS		HIPÓTESES INTERNAS	
<b>HE1:</b> a argumentação está na língua.		<b>HI1:</b> a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) fornece mecanismos para a descrição de entidades linguísticas complexas como o texto e o discurso.	
<b>HE2:</b> o sentido de uma entidade linguística concreta pode ser descrita em termos de encadeamento argumentativo, este composto de um segmento-argumento e um segmento-conclusão, os quais mantêm entre si uma interdependência semântica.		<b>HI2:</b> o valor semântico do texto, enquanto entidade abstrata subjacente aos discursos produzidos, pode ser descrito em termos de bloco, a partir do valor semântico dos discursos que realizam o texto, isto é, desde os encadeamentos argumentativos que atualizam os blocos semânticos previstos no sistema linguístico.	
<b>HE3:</b> o valor semântico de uma entidade linguística abstrata (sua significação) deverá ser descrito a partir do valor semântico (do sentido) de pelo menos uma das entidades linguísticas concretas que a realizam.		<b>HI3:</b> o texto é um bloco semântico – como tal, inscrito no sistema linguístico – realizado pelo encadeamento argumentativo complexo que é o discurso.	
HE3.1: a significação de uma entidade abstrata, seja ela de nível elementar ou complexo, corresponde às possibilidades de formação de blocos semânticos que essa unidade é capaz de gerar.	HE3.2: o sentido de uma entidade concreta, de nível elementar ou complexo, equivale aos encadeamentos argumentativos por ela realizados desde os blocos semânticos inscritos/previstos no sistema linguístico.	HI3.1: o discurso, como encadeamento argumentativo complexo, é composto de subencadeamentos, estes igualmente argumentativos, já que compreendidos como a inter-relação semântica de um segmento-argumento e um segmento-conclusão <sup>66</sup> .	HI3.2: o encadeamento argumentativo que expressa o sentido global do discurso expressa igualmente o ponto de vista (o enunciador) assumido pelo locutor desse discurso.
		<b>HI4:</b> a segmentação do discurso em subencadeamentos é feita com base na condição de que os subencadeamentos assim se configurem por contribuírem para a constituição e a consequente interconexão dos segmentos argumento e conclusão os quais formam o encadeamento argumentativo complexo que expressa o sentido global do discurso.	

Fonte: Elaborado por mim, com base em Azevedo (2006, p. 130-152).

Explicitadas as hipóteses externas e internas do Modelo teórico-metodológico para a descrição semântico-argumentativa do discurso, também farei um recorte, tendo em vista que não me concentrarei na proposta do Modelo para descrição do discurso selecionado como exemplo do que trago aqui. Dado o recorte teórico-metodológico já justificado, utilizarei apenas a HI1 do Modelo, que permite apresentar os pontos de vista presentes no *enunciado*, a

<sup>66</sup> A TAL não utiliza nas publicações mais atuais os termos segmento-argumento e segmento-conclusão, manteve-os pois a publicação consultada é de 2006, quando tal formulação era usada.

posição do *locutor* frente aos enunciados e mostrar (inovação desta pesquisa) como o sentido de cada *enunciado* só pode ser estabelecido na relação com todos os outros, demonstrando como a Teoria da Polifonia, de Oswald Ducrot, contribui para o processo de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, e possibilitando ao leitor entender o *sentido* de um *discurso* como um jogo de alteridade locutor-enunciadores, objetivo geral desta pesquisa, que descrevo e explico no próximo capítulo.

## 5 COMPREENSÃO LEITORA: JOGO POLIFÔNICO

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago  
Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.  
Viajaram para o Sul.  
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.  
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas  
alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava  
na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e  
tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.  
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo,  
gaguejando, pediu ao pai:  
- Me ajuda a olhar!*

**Eduardo Galeano**

A epígrafe selecionada para este capítulo revela, em linguagem poética, meu anseio mais global em relação a esta pesquisa: ajudar o leitor a “olhar” o sentido do discurso, toda sua grandeza, seus mistérios, suas tramas, manobras e limites.

Para isso, selecionei dois discursos que tomo como discursos-exemplo. O primeiro foi retirado do jornal Folha de São Paulo, o segundo foi retirado da seção “Carta do leitor” do jornal Zero Hora. O critério principal não se restringiu à extensão, mas à riqueza de vozes mobilizadas pelo *locutor*. Destaco que os dois discurso-exemplos não contemplam nenhum outro recurso para sua compreensão. São reproduzidos na totalidade, tal qual apresentados no seu suporte.

Antes de tratar dos discursos-exemplo, acredito ser pertinente diferenciar três “personagens” a quem o discurso interessa: o linguista, o usuário e o professor de língua. Essa diferenciação foi proposta por Azevedo (2016a). O *linguista* toma como objeto de estudo o sistema linguístico, buscando descrever e explicitar o sistema, seja em sua constituição, seja em sua atualização como fenômeno social e individual, respectivamente, isto é, aquele que propõe teorias capazes de elucidar a configuração (fonológica, lexical, sintática, semântica) do sistema e/ou o uso que deles fazem os interlocutores.

O *usuário de língua* atualiza o sistema linguístico para construir sentido nas suas interações verbais e atender às demandas da sociedade. Já o *professor de língua*, materna e/ou estrangeira, é o profissional que tem por responsabilidade tornar mais proficientes os intercâmbios verbais dos aprendizes; também é um usuário de língua, no entanto deveria ser mais proficiente, um dos mais capacitados, para contribuir efetivamente com o

desenvolvimento, pelos alunos, das habilidades exigidas por diferentes situações enunciativas (AZEVEDO, 2016a).

Adotando-se essa diferenciação, esclareço que me coloco como linguista cujo objetivo é investigar como a Teoria da Polifonia, de Oswald Ducrot, contribui para o processo de qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor, usuário de língua, entender o sentido de um discurso como um jogo de alteridade locutor-enunciadores com o mesmo fascínio e encantamento que Diego olha o mar pela primeira vez.

Eis o primeiro discurso-exemplo:

(22) *Idosos se sentem invisíveis, inúteis e desvalorizados.*

Acredito que esse discurso tenha três enunciados E(1) *idosos se sentem invisíveis*; E(2) *idosos se sentem inúteis*; e E(3) *idosos se sentem desvalorizados*. Tais enunciados, pela sua localização no discurso já constituem sentido, por isso já mantém entre eles uma relação de alteridade constitutiva, uma vez que o sentimento de invisibilidade adquire seu sentido em relação aos sentimentos de inutilidade e desvalorização atualizados pelo locutor, bem como o sentido de inutilidade que adquire valor em relação aos sentimentos de invisibilidade e desvalorização e, assim, respectivamente.

Com o propósito de continuar a demonstração da presença da alteridade na descrição polifônica, trago os diferentes enunciados de E(1) *idosos se sentem invisíveis* em que temos os seguintes pontos de vista:

E<sub>1</sub>: *os idosos têm percepção*

E<sub>2</sub>: *os idosos têm percepção de si mesmos*

E<sub>3</sub>: *os idosos percebem a si mesmos como seres invisíveis*

E<sub>4</sub>: *os idosos percebem a si mesmos como seres visíveis*

Observe-se que cada *enunciador*, cada ponto de vista, só adquire sua singularidade, seu sentido na e pela presença dos demais enunciadores, logo, há, também, uma relação de alteridade constitutiva de cada *enunciador* com os outros enunciadores presentes, como propõe Azevedo (2015).

Quanto ao *locutor*, percebe-se que aceita E<sub>1</sub> e E<sub>2</sub>, rejeita E<sub>4</sub> e assume E<sub>3</sub>, revelando uma terceira forma de alteridade na descrição polifônica do sentido, uma vez que aceitar não é rejeitar ou assumir.

Em E(2) *idosos se sentem inúteis* temos os seguintes enunciadores:

E<sub>1</sub>: *os idosos têm percepção*

E<sub>2</sub>: *os idosos têm percepção de si mesmos*

E<sub>3</sub>: *os idosos percebem a si mesmos como seres inúteis*

E<sub>4</sub>: *os idosos percebem a si mesmos como seres úteis*

No qual o locutor aceita E<sub>1</sub> e E<sub>2</sub>, rejeita E<sub>4</sub> e assume E<sub>3</sub>.

Já em E(3) *idosos se sentem desvalorizados* temos as vozes:

E<sub>1</sub>: *os idosos têm percepção*

E<sub>2</sub>: *os idosos têm percepção de si mesmos*

E<sub>3</sub>: *idosos se sentem desvalorizados*

E<sub>4</sub>: *idosos se sentem valorizados*

Em que o locutor aceita E<sub>1</sub> e E<sub>2</sub>, rejeita E<sub>4</sub> e assume E<sub>3</sub>.

Concluída a descrição polifônica, minha proposta é elaborar questões que ajudem o leitor a perceber o jogo polifônico descrito acima, sem a necessidade de conhecer a Teoria da Polifonia. Com tal reconhecimento, acredito que o leitor-alocutário, usuário de língua, pode restringir o número de sentidos possíveis na (re)constituição do sentido do discurso-exemplo.

O professor de língua, usuário de língua mais proficiente, também não precisa conhecer a Teoria da Polifonia, mas reconhecer os pontos de vista postos e pressupostos atualizados pelo locutor para elaborar questões que permitam a qualificação da habilidade de compreensão leitora. A título de sugestão, formulei questões dirigidas ao ensino médio.

Com base no discurso *Idosos se sentem invisíveis, inúteis e desvalorizados*, responda às questões:

- a) Sobre o que é a percepção do idoso?
- b) Sobre quem é a percepção do idoso?
- c) Quanto a sua visibilidade, qual a percepção do idoso?

d) É possível afirmar que *invisibilidade*, *inutilidade* e *desvalorização* são termos com sentido negativo? Justifique.

Para responder a primeira questão o leitor-alocutário deverá compreender que o locutor produz três enunciados semanticamente inter-relacionados acerca da visibilidade, da utilidade e da valorização dos idosos por eles mesmos.

Para responder a segunda questão é preciso compreender que o locutor aceita um enunciador que afirma que os idosos têm percepção e um segundo enunciador que diz que a percepção dos idosos é sobre si mesmos.

A terceira questão solicita ao leitor a compreensão de dois pontos de vista, um posto, que nega a visibilidade do idoso e um pressuposto à negação que afirma a visibilidade, como proposto por Ducrot (1990). O leitor-alocutário deverá entender que o locutor assume o enunciador que nega a visibilidade dos idosos, rejeitando o ponto de vista que afirma essa visibilidade.

Já a quarta questão põe à mostra que o locutor, em cada um dos enunciados do discurso, rejeita os pontos de vista acerca da visibilidade, da utilidade e da valorização e assume o ponto de vista negativo. Além disso, a posição tomada pelo locutor ao assumir os pontos de vista negativos em cada enunciado possibilita ao discurso essa organização *Idosos se sentem invisíveis, inúteis e desvalorizados*, já que na hipótese de o locutor assumir o ponto de vista da utilidade ou da valorização dos idosos, por exemplo, o locutor teria que atualizar um termo que marcasse essa mudança de orientação discursiva.

Um segundo discurso-exemplo, um pouco mais complexo, reforça meu posicionamento de que a alteridade, por meio da Teoria da Polifonia, contribui para o desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora ao evidenciar as vozes postas e pressupostas que são assumidas, aceitas ou rejeitadas pelo locutor e, por isso, explicitam o jogo polifônico que constitui o sentido. Eis o discurso-exemplo:

(23) *Se a Venezuela não tivesse grandes reservas de petróleo, seria apenas mais um desses países para os quais ninguém manda ajuda humanitária.*

(Z. H. 25/02/2019, p. 2)

O discurso (23) é composto de dois enunciados: E(1) *a Venezuela tem grandes reservas de petróleo*<sup>67</sup>; e E(2) *há países para os quais ninguém manda ajuda humanitária*. Destaco que

---

<sup>67</sup> Não trato da ocorrência da conjunção condicional “se” ou da ocorrência do verbo “seria”, pois sua descrição, segundo o Modelo proposto por Azevedo (2006) estaria na relação inter-enunciados.

a apresentação dos enunciados é uma descrição do semanticista, contudo, não é possível desconsiderar que há um entrelaçamento de vozes mobilizadas pelo locutor para a definição de cada enunciado. Na descrição semântica de E(1) identifico:

E(1) *a Venezuela tem grandes reservas de petróleo*

E1: *existem países em que há petróleo*

E2: *existem países em que há reservas de petróleo*

E3: *existem países em que há grandes reservas de petróleo*

E4: *a Venezuela é um país*

E5: *a Venezuela tem grandes reservas de petróleo*

O locutor (L) aceita E1, E2, E3, E4 e assume E5.

Na sequência, concentro-me no E(2) *há países para os quais ninguém manda ajuda humanitária*, identificando os seguintes enunciadores:

E(2) *há países para os quais ninguém manda ajuda humanitária*

E1: *há países que recebem ajuda*

E2: *há países que recebem ajuda humanitária*

E3: *há países para os quais ninguém manda ajuda*

E4: *há países para os quais ninguém manda ajuda humanitária*

E5: *alguém manda ajuda*

E6: *alguém manda ajuda humanitária*

E7: *há países para os quais alguém manda ajuda*

E8: *há países para os quais alguém manda ajuda humanitária*

O locutor, em E(2), aceita E1, E2, E3, E7 e E8, rejeita E5 e E6 e assume E4.

Espero que o paciente leitor ainda possa me acompanhar até o próximo tópico em que me dedico a mostrar mais uma vez como a alteridade constitutiva contribui, via Teoria da Polifonia, para a qualificação da habilidade de compreensão leitora quando restringe drasticamente os pontos de vista postos e pressupostos que atualizados e aceitos, assumidos ou rejeitados pelo locutor constituem o jogo polifônico que constitui o sentido do discurso.

Considerando-se o discurso *Se a Venezuela não tivesse grandes reservas de petróleo, seria apenas mais um desses países para os quais ninguém manda ajuda humanitária* (Z. H. 25/02/2019 p. 2), responda:

- a) Quanto a posse de reservas de petróleo, qual a situação da Venezuela?
- b) Qual(is) palavra(s) assinala(m) que a Venezuela não está no grupo de países para os quais ninguém manda ajuda humanitária?
- c) Por que a Venezuela não está no grupo de países que não recebem ajuda humanitária?
- d) Que expressão mostra que a Venezuela é um país? Explique.
- e) Que expressão indica que alguns países não recebem ajuda humanitária?

Para responder a primeira questão o leitor-alocutário deve compreender o jogo polifônico atualizado pelo locutor em *se não tivesse*. Aqui, temos dois casos de atualização da negação: primeiro trata-se de uma negação indireta *se tivesse*, em que o ponto de vista assumido pelo locutor é *não tem* possibilitada pela forma verbal mais conjunção *se*. O segundo caso de negação em *se não tivesse* é tomado como dupla negação, quando o ponto de vista assumido já contém uma negação e passa a ser o ponto de vista rejeitado. Logo, *se não tivesse* apresenta três pontos de vista: *tem*, *não tem* e *(não) não tem*, portanto *tem*. Após compreender tal jogo polifônico o leitor-alocutário poderá compreender a posse de reservas de petróleo pela Venezuela.

A segunda questão, para ser respondida, também exige que o leitor-alocutário entenda que *seria* atualiza dois enunciadores: *é*, rejeitado pelo locutor e um segundo *não é*, assumido pelo locutor.

A terceira questão solicita ao leitor-alocutário compreender o jogo polifônico colocado em ato pelo locutor na relação interenunciados. Linguisticamente, para que seja possível ao locutor aceitar o ponto de vista de que a Venezuela é um país, o mesmo locutor atualiza a expressão *desses países*, cujo termo *esse(s)* é tido como um elemento de retomada. Ao leitor-alocutário não é necessário conhecimento geográfico para responder esta questão, já que a

trama entre os enunciados e a posição do locutor, explicita a retomada pela mobilização de *esses*.

Na quarta questão, o leitor-alocutário precisa compreender as vozes presentes na negação indireta *ninguém manda*. Há aqui dois enunciadores: *alguém manda*, rejeitado pelo locutor e *não há alguém que mande (ninguém manda)*, assumido pelo locutor.

Enfim, para responder a quinta questão o leitor-alocutário necessitará compreender não só a posição do locutor frente cada enunciador em cada enunciado, mas a interdependência dos enunciados, em que o locutor assume como condição para o envio de ajuda humanitária à Venezuela, o fato de o país possuir grandes reservas de petróleo.

Em síntese, a alteridade constitutiva manifestada na e pela relação locutor-enunciadores, contribui para o desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora por reduzir os pontos de vista que podem ser atualizados pelo leitor-alocutário na (re)constituição do sentido àqueles assumidos ou aceitos pelo locutor, enquanto os pontos de vista, postos ou pressupostos, rejeitados pelo locutor constituem o *não-ser* do sentido do discurso, restringindo-os como potencialidade na (re)constituição semântica dessa entidade linguística de nível complexo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegada a hora de lançar um novo olhar, contemplar o caminho percorrido e ponderar sobre a jornada.

Ao contemplar o caminho percorrido, desde o início esta pesquisa foi planejada e orquestrada pelo conceito de *alteridade platônica*. Tal decisão pode ser justificada com dois argumentos: (1) a preocupação com o caráter didático da pesquisa; e (2) a demonstração da aplicação do conceito platônico. Isso porque é de conhecimento dos estudiosos das obras de Ducrot, Saussure ou Platão a densidade de suas ideias e a complexidade de suas leituras, por isso procurei apresentar a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) não pela sequência de suas versões, mas por fundamentos linguísticos, teóricos e epistemológicos desenvolvidos em oposição a outros fundamentos linguísticos, teóricos ou epistemológicos, o que acredito auxiliar na compreensão dos fundamentos teóricos basilares desta pesquisa. Além dessa apresentação dos conceitos da TAL, a exemplificação atualizada de tais conceitos, parece-me outro elemento que potencializa o entendimento da Teoria, ampliando o leque de exemplos, muitas vezes repetidos, pelos estudiosos da TAL.

Relembro que o objetivo proposto para essa investigação era investigar como a Teoria da Polifonia, de Oswald Ducrot, contribui para o processo de qualificação da habilidade de compreensão leitora, possibilitando ao leitor entender o sentido de um discurso como um jogo de alteridade locutor-enunciadores. Pois bem, como alguns leitores devem ter pensado, parti, sim, do pressuposto de que a Teoria da Polifonia contribui para o processo de qualificação da habilidade de compreensão leitora, conforme pesquisas de Azevedo (2016a; 2016b).

Para consolidar o objetivo traçado, no segundo capítulo, “Semântica argumentativa: rupturas e aproximações”, ao olhar para fora da Teoria, procurei singularizar a Semântica Argumentativa em relação a outras perspectivas semânticas, além de sintetizar os principais fundamentos teóricos da Teoria em relação às concepções recusadas pelos semanticistas. Para que o leitor pudesse acompanhar a reflexão ducrotiana, as concepções assumidas pela Teoria foram descritas, exemplificadas e explicadas. Ainda no Capítulo 2, situando a Semântica Argumentativa como uma teoria estruturalista, procurei mostrar como os princípios saussurianos *língua/fala*, por exemplo, nortearam as elaborações ducrotiana *material linguístico/realização linguística*. Encerram o capítulo apontamentos sobre a relação proposta por Ducrot entre os princípios de *valor saussuriano* e *alteridade platoniana*.

No terceiro capítulo, “Teoria da polifonia: vozes e sentido”, ao olhar para o interior da Teoria, procurei apresentar as suas diferentes versões e, ao descrever, exemplificar e explicar

alguns conceitos de cada versão, busquei mostrar o rigoroso processo de elaboração dos princípios da Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot e colaboradores. Não contemplei todos os elementos de reflexão ducrotiana, concentrando-me naqueles que julguei indispensáveis para justificar a Teoria da Polifonia como aporte teórico para a análise que desenvolvi no Capítulo 5. Enfim, nesse capítulo, descrevi, exemplifiquei e expliquei fenômenos semântico-discursivos, como a pressuposição e a negação.

No quarto capítulo, “Compreensão leitora: processo de análise e síntese”, ousei olhar além da Teoria – fundamentada em semanticistas como Azevedo (2006) – e defini o *discurso* como meu objeto de pesquisa, caracterizando-o e forjando-o como um *sistema-ambiente*. Concebi, ainda, a *leitura* como um processo que envolve o domínio de diferentes habilidades, circunscrevendo a habilidade de *compreensão leitora analítica* como recorte da minha investigação. Nesse capítulo, concebendo a *leitura* em uma perspectiva enunciativa, defini o *leitor-alocutário* como figura discursiva do discurso escrito, autorizado pelo *locutor* a participar da construção do *sentido*.

E no quinto e último capítulo, “Compreensão leitora: jogo polifônico”, procurei ajudar meu leitor a “olhar” para o *discurso*, descrevendo como as atitudes que o *locutor* vai tomando em relação aos enunciadores ao longo do discurso não são “totalmente” livres, mas determinadas pelas posições que vai tomando ao longo do discurso em relação aos enunciadores de cada enunciado. E, por fim, o ponto alto da minha contribuição científica: mostrar como a alteridade na relação locutor-enunciadores, via Teoria da Polifonia, qualifica a habilidade de compreensão leitora.

A contribuição desta investigação consistiu, então, em propor uma descrição e explicação de como o leitor-alocutário, ao entender o sentido de um discurso como um jogo de alteridade locutor-enunciador, está qualificando seu processo de compreensão leitora analítica, ao reconhecer: a) os pontos de vista postos e pressupostos; b) as atitudes do locutor frente cada ponto de vista; e c) como as atitudes do locutor frente cada enunciador orientam argumentativamente o discurso, porque, por exemplo, o locutor aceita um determinado ponto de vista, mas não o assume, delimitando as possibilidades de continuação discursiva.

Considero o objetivo alcançado, visto que, além de ter materializado o princípio de alteridade platônica como fio condutor desta pesquisa, isto é, de ter explicitado que o Outro – seja ele uma teoria, um conceito ou um princípio – está a permear aquilo que se pretende singularizar, também mostrei como o *não-ser* do sentido do discurso está presente do nas vozes e nas posições do locutor na atualização do discurso.

Admito, no entanto, que minha investigação só poderá efetivamente contribuir para a qualificação do desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, quando chegar às salas de aula, o que implica necessariamente a continuidade da pesquisa para que seja possível, minimamente, contemplar discursos com um número maior de enunciados, a conseqüente transformação didática e a formação de professores.

E assim, caro leitor, ao olhar para trás, já me vejo à frente, em pesquisas futuras, fundamentadas na Semântica Argumentativa, que investiguem, por exemplo, possibilidades didáticas para a constituição do sentido do discurso; em que medida o desenvolvimento da habilidade de compreensão leitora, possibilita a proficiência na escrita; proposições enunciativas para as questões da gramática normativa, que ainda serão necessárias até que tais formulações possam ser transformadas em materialidade didática. Eis o novo desafio que se coloca.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *La Argumentación en la lengua*. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

AZEVEDO, Tânia Maris. *Em busca do sentido do discurso: a semântica argumentativa como uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.

AZEVEDO, Tânia Maris. Semântica Argumentativa: a Teoria e seu potencial para a pesquisa e o ensino. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges (Org.). *Enunciação e Discurso: tramas e sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012.

AZEVEDO, Tânia Maris. Pontos de vista Outro(s): polifonia e alteridade. *Desenredo*, Passo Fundo, v.11, n. 2, p. 439-455, jul.-dez., 2015.

AZEVEDO, Tânia Maris. Encadeamentos argumentativos, relações sintagmáticas e associativas: reflexões sobre o ensino da leitura, *Antares*, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan.-jun. p. 48-65, 2016a.

AZEVEDO, Tânia Maris. Polifonia linguística: uma proposta de transposição didática para o ensino da leitura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.51, n.1, p. 73-81, jan.-mar., 2016b.

AZEVEDO, Tânia Maris. Aprendizagem da compreensão leitora: uma proposta de transposição didática da Teoria da Polifonia e da Teoria dos Blocos Semânticos. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 80, p. 122-131, maio-ago., 2019a.

AZEVEDO, Tânia Maris. Planejamento e avaliação da aprendizagem: algumas ideias, uma proposta. In: AZEVEDO, Tânia Maris (Org.) *Conhecimento, linguagem e educação*. Caxias do Sul: Educs, 2019b.

BARBISAN, Leci Borges. TEIXEIRA, Marlene. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. *Organon* (UFRGS), Porto Alegre, v. 16, n.32/33, p. 161-180, 2002.

BARBISAN, Leci Borges. Por uma abordagem argumentativa da linguagem. In: GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene. *Investigando a linguagem em uso: Estudos em Linguística Aplicada*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

BARBISAN, Leci Borges. O sentido no discurso: o olhar da Teoria da Argumentação na Língua. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges (Org.). *Enunciação e Discurso: tramas e sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012.

BARBISAN, Leci Borges. A presença de Saussure na Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 34, jan.-jun. 2014.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – Segundo Ciclo*, 1998.

- BRASIL. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – Linguagens*, 2008.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular, 2018.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. São Paulo: EDUC, 1992.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La Semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*, v.1: o campo do signo, 1945 - 1966. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- DUCROT, Oswald. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- DUCROT, Oswald. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global Ed., 1981.
- DUCROT, Oswald. Saussurianismo. In: DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário de linguística*. 6.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.
- DUCROT, Oswald. *Enciclopédia EINAUDI*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- DUCROT, Oswald. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación – conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1990.
- DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. *La Semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- DUCROT, Oswald. La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure? In: SAUSSURE, Louis de (Org.). *Nouveaux regards sur Saussure*. Genebra: Librairie Droz S.A., 2006.
- DUCROT, Oswald. Prefácio. In: VOGT, Carlos. *O intervalo semântico*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial/Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

DUCROT, Oswald; XAVIER, Antonio Carlos. Trajetória e legado de um filósofo da linguagem: Oswald Ducrot. *Revista Investigações*, v. 25, n. 2, jul. 2012.

DUCROT, Oswald. *Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2018.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

ILARI, Rodolfo. Prefácio. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2003.

JOLIBERT, Josette (Coord.). *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

MARQUES, Marcelo Pimenta. *Platão, pensador da diferença*. Uma leitura do Sofista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

NIEDERAUER, Carina. *Compreensão leitora e formação docente: princípios de transposição didática de um modelo teórico-metodológico para a descrição semântico-argumentativa do discurso*. Tese de Doutorado em Letras, Universidade de Caxias do Sul, 2015.

NEGRONI, María Marta García; TORDESILLAS, Marta. *La enunciación en la lengua: de la deixis a la polifonía*. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2001.

PLATÃO. O Sofista. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos I: Teeteto (ou Do conhecimento), Sofista (ou Do ser), Protágoras (ou Sofistas)*. Bauru, SP: EDIPRO, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed., Porto Alegre: Penso, 1998.

TEIXEIRA, Marlene. É possível a leitura? *Revista Nonada*, UniRitter, Porto Alegre, ano 8, n. 8, 2005.

TORDESILLAS, Marta. Prólogo. In: ANSCOBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *La Argumentación en la lengua*. Editorial Gredos S.A.: Madrid, 1994.

VOGT, Carlos. *O intervalo semântico*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial/Campinas: Editora da Unicamp, 2009.